

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**IDENTIDADES (NEM TÃO) VIRTUAIS ASSIM:  
UM OLHAR SOBRE A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES TERRITORIAIS NO  
CIBERESPAÇO**

DANIEL MALLMANN VALLERIUS

ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. IVAINE MARIA TONINI

PORTO ALEGRE, JULHO DE 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

IDENTIDADES (NEM TÃO) VIRTUAIS ASSIM:  
UM OLHAR SOBRE A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES TERRITORIAIS NO  
CIBERESPAÇO

DANIEL MALLMANN VALLERIUS

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ivaine Maria Tonini

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Rosa Elisabete Militz W. Martins (FAED/UDESC)  
Profa. Dra. Elisabete Maria Garbin (PPG em Educação/UFRGS)  
Prof. Dr. Antonio Carlos Castrogiovanni (PPG em Geografia/UFRGS)

Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em  
Geografia como requisito para a  
obtenção do título de Mestre em  
Geografia.

PORTO ALEGRE, JULHO DE 2011.

Vallerius, Daniel Mallmann

Identities (nem tão) Virtuais assim: um olhar sobre a construção das identidades territoriais no ciberespaço. / Daniel Mallmann Vallerius. - Porto Alegre: IGEO/UFRGS, 2011.

[94 f]. il.

Dissertação (Mestrado). - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-graduação em Geografia. Porto Alegre, RS - BR, 2011.

Orientador: Profa. Dr. Ivaine Maria Tonini

1. Geografia do Ciberespaço . 2. Identidade . 3. Território. 4 .  
Orkut. I. Ivaine Maria Tonini.II. Título.

---

Catálogo na Publicação  
Biblioteca Geociências – UFRGS  
Alexandre Ribas Semeler CRB 10/1900

## AGRADECIMENTOS

*Como o não sabes ainda*

*Agradecer é mistério*

Fernando Pessoa, Quadras ao Gosto Popular (1965)

Antes de tudo, gostaria de salientar que meus agradecimentos neste espaço não se tratam de mera formalidade. Constituem-se apenas em uma forma singela de expressar um pouco de minha gratidão a todos os que, de alguma forma, contribuíram (mesmo que por vezes, estas nem mesmo saibam que o fizeram!) para a conclusão desta etapa.

Assim, agradeço a Deus por abençoar-me com o milagre diário da vida e por me conceder todas as condições para a realização desta pesquisa.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS que me proporcionou a oportunidade de crescimento intelectual e pessoal compartilhando reflexões, experiências e vivências com seus mestres e alunos, assim como ao Programa de Pós-Graduação em Educação desta mesma universidade, graças as mesmas e relevantes razões. Aos colegas do mestrado – e do café depois de cada aula -, minha gratidão pelo ambiente de debate de idéias e de crescimento coletivo. Da mesma forma, agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, por conceder-me uma bolsa de estudos, de fundamental importância para o bom andamento deste trabalho.

Jamais poderia deixar de agradecer a minha orientadora, amiga e conselheira, Profa. Dra. Ivaine Maria Tonini. Pela paciência, pela confiança demonstrada em nosso trabalho desde o primeiro dia, pela parceria, pelo respeito, pela amizade, pelo profissionalismo, pelo carinho, e pelo constante apontar de caminhos acadêmicos e pessoais.

Agradeço também aos mestres com quem tive a felicidade de trabalhar de maneira mais próxima em minha trajetória acadêmica, em especial aos professores Antonio Carlos Castrogiovanni, Nelson Gruber e Rosa Medeiros por todos ensinamentos, partilhas e vivências. A vocês, meu carinho, respeito e a certeza de que levo um pouquinho de todos comigo.

Da mesma forma, reforço minha gratidão e carinho aos professores Rosa Martins, Elisabete Maria Garbin e Antonio Carlos Castrogiovanni, pela disposição em se fazer presentes na banca de defesa deste trabalho, trazendo, certamente, valorosas e inestimáveis contribuições.

Meu muito obrigado aos colegas e amigos nesta caminhada que iniciou-se faz tempo. Primeiramente aos meus amigos desde os tempos da escola, passando pelos companheiros do Becker, das Ciências Sociais, do Resgate, do Padiola, da CENAPET, da APG-UFRGS. Todos vocês foram – e são – fundamentais nesta estrada.

Aos amigos de e da “Geografia”, vai um obrigado muito especial, sobretudo aos grandes companheiros Fernando Moraes e Fernando Scottá, testemunhas e parceiros nos esforços empregados até este momento. Agradeço ainda aos amigos Rafael Zilio e Rodrigo “Chaves” pelos conselhos, troca de idéias e pelas risadas, sempre necessárias e bem-vindas! Obrigado ao amigo e colega Henrique de Conto pelo precioso auxílio na confecção do material cartográfico deste trabalho. Agradeço também a minha querida irmã Denise, por seu apoio e colaboração na revisão destes escritos. E um agradecimento especial ao PET Geografia, onde tive a chance de encontrar possibilidades, amigos, colegas, mas em especial, onde eu me “encontrei” pela primeira vez dentro da universidade.

Agradeço a Paulinha que, mesmo longe, sempre esteve tão perto e tão presente, especialmente na fase de elaboração desta dissertação. Obrigado pelo teu amor, carinho, compreensão e apoio em todos os momentos. Obrigado ainda por acreditar em mim, no meu trabalho... E, em especial, na gente.

Por fim, a quem mais agradeço, é justamente a quem menos palavras são necessárias. Obrigado aos meus pais, Arnildo e Leni, simplesmente por existirem. Por entenderem que meus finais de semana trancados em casa eram por um bom propósito, por compreenderem minha ausência nos programas de família, por respeitarem meus momentos de cansaço e meus “ranços” após as intermináveis madrugadas em frente ao computador. Mas em especial, por respeitar e apoiar minhas escolhas, pedindo em troca apenas minha dedicação plena a qualquer coisa que optasse por fazer.

Á vocês, meu muito obrigado.

*“...Mas não useis balanças para pesar  
vossos tesouros desconhecidos;  
E não procureis explorar as profundidades  
de vosso conhecimento com  
uma vara ou uma sonda.  
Porque o Eu é um mar sem limites e sem medidas.  
Não digais: "Encontrei a verdade."  
Dizei de preferência: "Encontrei uma verdade."*

Khalil Gibran, O Profeta, 1923.

## RESUMO

Reconhecendo a importância e a popularização das redes sociais da internet, especialmente entre o público classificado como jovem, o presente estudo objetiva, sob as lentes da Geografia e dos Estudos Culturais, examinar como os usuários do site de relacionamentos Orkut constroem, posicionam e territorializam suas identidades por meio das comunidades virtuais presentes no respectivo site. Paralelamente, trata sobre quem é este jovem contemporâneo e sobre as posições identitárias que assume. Para tanto, atuam como pilares em nossa pesquisa os conceitos de identidade, território e comunidade, com ênfase para autores como Hall, Haesbaert e Bauman, além de autores voltados aos estudos do Ciberespaço. Nosso recorte espacial de estudo nos remete ao bairro Cidade Baixa, da cidade de Porto Alegre/RS, tanto em sua esfera “real” quanto em ambiente “virtual” (representado aqui por duas comunidades do site Orkut que fazem alusão ao respectivo bairro). Tal escolha justifica-se pela profusão de grupos e tribos (especialmente jovens) que nele são encontradas, em ambas as esferas de análise. Nosso olhar atenta de forma mais próxima para os discursos, tensionamentos e posicionamentos apresentados nestas comunidades, que acabam por refletir-se no processo de construção dos “perfis” de seus membros. Os referidos espaços virtuais mostraram-se interessantes palcos para o desfile de “identidades descentradas” apresentado pelo jovem contemporâneo. Analisamos ainda alguns dos pontos de conexão e divergência entre as comunidades presentes nas esferas de análise dos mundos *on* e *off* line no intuito de não ignorar a conexão que se faz presente entre os mesmos.

**Palavras-Chave:** Geografia do Ciberespaço, Identidade, Território, Orkut

## ABSTRACT

Recognizing the importance and popularity of the internet social networking, especially among the younger portion of the population, this study aims, through the lens of Geography and Cultural Studies, to examine how users of the relation's site Orkut build position and map their identities through virtual communities present on the respective site. At the same time, concerns about who is this contemporary young and his main identity positions. In this way, we use as theoretical pillars in our research the concepts of identity, territory and community, with emphasis on authors such as Hall, Haesbaert and Bauman, as well as authors related with Cyberspace's studies. The space for our research is the neighborhood Cidade Baixa, from the city of Porto Alegre/RS - and two virtual Orkut communities that allude to their neighborhood, chosen precisely for the profusion of groups and "tribes" (specially youngers) that we can find there. Our focus stay more closely to the speeches, tensions and positions presented in these communities that cause consequences in the process of building "profiles" of its members. Such virtual spaces proved to be a kind of interesting stage for the "decentralized identities" parade showed by the contemporary youth. We still analyze some points of conexions and divergences between the communities from the *on* and *off* world's sphere in order to not ignore their connection.

**Keywords:** Geography of Cyberspace, Identity, Territory, Orkut

## Lista de imagens

IMAGEM 01: Página de entrada/conexão do Orkut.	51
IMAGEM 02: Perfil de um usuário do site Orkut.	53
IMAGEM 03: Relação (parcial) das comunidades de um membro do Orkut.	55
IMAGEM 04: Procedência dos usuários do Orkut.	56
IMAGEM 05: Classificação Etária dos Usuários do Orkut.	57

## Lista de mapa

MAPA 01: Bairro Cidade Baixa / Rua Lima e Silva

66

## Lista de tabelas

TABELA 01: Tipos de Laço e Tipos de Interação	20
TABELA 02: Dados básicos sobre as comunidades do Orkut mencionadas em nosso estudo.	67
TABELA 03: Postagens sobre o local preferido na Cidade Baixa.	71
TABELA 04: Dados do Bairro Cidade Baixa.	73

# SUMÁRIO

“Leia-me”	13
1. PÁGINA INICIAL	15
1.1 Primeiras conexões	15
1.2 As redes sociais na internet	17
1.2.1 Das conexões e dos laços	19
1.3 Mas porque estudar o Orkut?	21
1.4 O que nos motiva a ‘postar’?	23
1.5 Um geógrafo no Orkut	24
2. MANUAL DO USUÁRIO	26
3. NAVEGANDO... NA GEOGRAFIA CULTURAL, NO CIBERESPAÇO, NO ORKUT...	31
4. CAIU NA REDE... É PEIXE, É SUJEITO, É <i>FAKE</i> ...E QUANDO A REDE É QUEM CAI?	42
4.1 Internet, comunicação e redes sociais	42
4.2 Contatos iniciais com os <i>sites</i> de redes sociais	46
4.2.1 Orkut, <i>Facebook</i> , <i>Twitter</i> , <i>blogs</i> ...	47
4.3. O Orkut	50
4.4 Insira seu login e senha para continuar...	50
4.4.1 O Orkut no Brasil e no mundo	55
4.4.2 E quem são os “Orkuteiros”?	57
4.4.3 As identidades dos jovens orkuteiros na pós-modernidade	60
5. AS COMUNIDADES E A CIDADE BAIXA	63
5.1 A comunidade enquanto território virtual	63
5.2 Novo tópico: sobre a comunidade ‘Cidade Baixa’	65
5.3 Personagens ‘ <i>On</i> ’ ou ‘ <i>Off Line</i> ’?	68
5.4 Identidades que se entrelaçam	69

5.5 Discursos que se encontram (ou não):	
O bairro real e o bairro virtual	72
5.5.1 <i>Que tal sair do Virtual e partir para o real?</i>	74
5.6 Velho-Novo tópico: Tensionamentos identitários	77
6. UMA ÚLTIMA POSTAGEM...	85
7. REFERÊNCIAS	91

## “Leia-me”

Prezado leitor:

Como você deve ter percebido, este trabalho versa sobre as identidades apresentadas pelos sujeitos que interagem em uma das principais redes sociais da internet – o Orkut. Para uma melhor compreensão desta, sugerimos que, antes do seu primeiro acesso, leia as observações subsequentes.

Nossa pesquisa contempla os anos de 2009, 2010 e 2011 (primeira metade deste). Durante este período, o Orkut manteve-se como a rede social de internet mais acessada no Brasil, conforme dados apresentados na sequência deste trabalho.

Este *site*, como a maioria dos conteúdos disponibilizados na internet, é dinâmico, reconstruindo-se e reconfigurando-se a todo instante, seja por iniciativa direta da empresa que o administra, seja pela ação de seus usuários, que acabam por lhe conferirem “vida”. Assim, perfis, postagens e imagens aqui mencionadas podem, a qualquer momento, deixar de estar disponíveis para consulta ou apresentar-se de maneira diversa daquelas as quais aqui receberam menção.

O próprio Orkut reconfigurou sua interface gráfica durante o período de elaboração desta dissertação. Dessa forma, as imagens e os elementos gráficos aqui apresentados preservam sempre o formato “original” do *site*, hoje classificado como a sua “versão antiga”, e que está disponível a todos os usuários. Empiricamente, constata-se que a maioria dos usuários do Orkut prefere fazer uso da versão inicial.

Destacamos, ainda, que, quando transcrevermos postagens, mensagens ou falas retiradas do *site* Orkut, tais transcrições serão feitas *ipsis-Litteris*, respeitando-se, inclusive, eventuais erros de português – ou de qualquer outra língua – apresentados nesses textos.

Também cabe ressaltar que, em determinados momentos deste trabalho, vamos diferenciar o mundo dito real da materialidade daquele dito virtual, construído pelas redes tecnológicas e informacionais, pelos vocábulos *off-line* e *on-line*, de maneira análoga à linguagem utilizada na internet quando alguém está desconectado ou plugado.

Lembramos, ainda, que a proposta deste trabalho não se pauta na apresentação de respostas definitivas. Consoante refere seu título, este é o resultado de alguns olhares que empregamos sobre o tema, sem a intenção de condicionar ou direcionar o olhar de quem o vê sob as mais diversas lentes. Esperamos, sim, que este estudo ofereça subsídios para que aquele que o leia possa elaborar suas próprias reflexões a partir das inquietações aqui manifestadas sobre o assunto.

## 1. PÁGINA INICIAL

### 1.1 – Primeiras conexões

Diferente. Este é um adjetivo que pode ser utilizado, sem maiores temores, para definirmos muitos aspectos, atores e cenários que permeiam nosso cotidiano e nossa vida, se comparados a si mesmos há alguns anos. Possivelmente, se dois indivíduos discutissem acerca do mundo em que vivemos na contemporaneidade, este seria um dos adjetivos empregados ao se tentar defini-lo.

Trata-se, pois, de um mundo que se mostra palco de verdadeiras transformações, nos seus mais variados aspectos, em sua história recente. Fatores como o avanço da ciência e da tecnologia, o repensar de valores e costumes, a supressão ou relativização das fronteiras, a globalização moldam um cenário que, certamente, modificou nosso planeta de maneira pouco mensurável.

Vivemos hoje o que Bauman (2007b) define como uma vida líquida, onde a efemeridade, a fluidez e a volatilidade são basicamente intrínsecas a qualquer ato, pensamento ou sentimento. Essa nova configuração de nosso viver é fruto das intensas mudanças que nos são apresentadas nestes novos tempos.

Uma das grandes responsáveis pela consolidação dessas mudanças – ao mesmo tempo em que pode ser considerada também uma consequência e/ou um produto de tais transformações – foi a ascensão da Rede Mundial de Computadores, comumente chamada de *internet*. Com ela origina-se também o *Ciberespaço*, um novo e diferente *mundo virtual*, ainda que sua vinculação com o mundo dito real seja mais estreita do que, inicialmente, possa parecer, pois os sujeitos, os grupos, as tribos, as ideologias, os pensamentos e

conhecimentos que nela transitam apresentam sua gênese fora da internet. O que o ciberespaço possibilita é uma nova dinâmica na relação entre os sujeitos e grupos que dele participam e nele interagem, a qual, certamente, traz consequências para além do computador; isto é, afeta o mundo da materialidade. Como diz Garbin (2003, p.121)

A Internet reúne três campos que pareciam distintos uns dos outros até o advento e socialização da *Web*, que são a cultura, a comunicação e a informação, ou seja, as fronteiras entre estes três temas foram quebradas, desapareceram.

Ao conceder ao sujeito a possibilidade de transitar por diversos locais ao mesmo tempo, de interagir com indivíduos ou grupos simultaneamente, de produzir e absorver uma infinita gama de discursos e imagens, a internet torna-se um novo espaço de produção de conhecimento, o qual não pode ser ignorado pelas mais diversas ciências, dentre as quais, a Geografia.

Ao mesmo tempo, devido à voracidade e contínua exigência de um planisfério em que fronteiras (além de conceitos, paradigmas, culturas...) são relativizadas – ou, em alguns casos, até suprimidas –, a tecnologia desenvolve-se de maneira rápida, especialmente a partir da última década do século XX. Todavia, ainda que não seja um erro analisar a internet, bem como as configurações que ela força e/ou possibilita nas mais distintas esferas, pelo lado tecnicista, concordamos com Castells (2005, p.16) quando este diz que a internet é, acima de tudo, uma criação cultural.

Mais especificamente no âmbito da Geografia, o ciberespaço oferece uma gama infindável de pontos passíveis de uma análise mais detalhada. Poderíamos trabalhar com questões de fronteiras, de paisagens, de redes... Contudo, nosso enfoque se dará em um dos mais relevantes aspectos que este novo local nos apresenta: a (re) construção das identidades territoriais neste ambiente, com especial atenção às redes sociais, enfatizando-se o *site* de relacionamentos Orkut.

## 1.2 – As redes sociais na Internet

“When a computer network connects people and organizations, it is a social network”  
(Garton, Haythornthwaite e Wellmann, 1997, p.1)

O termo “rede” é utilizado de forma ampla na literatura, ainda que sua caracterização e conceituação permaneçam abertas. Não temos a pretensão de esgotar o assunto; porém, faz-se necessário apresentar alguns aspectos que nos auxiliem nesse processo de caracterização, tanto das redes quanto de outro relevante ponto de nosso trabalho: as comunidades.

A conceituação de rede social é ponto passível de discussão, apresentando, assim, inúmeras possibilidades de definição sem que, no entanto, alguma delas seja finita em si mesma. Aqui, aceitamos a rede social como uma junção permeada pela complexidade, baseada em tecnologias informacionais de comunicação, as quais possuem seu principal aporte nas interações dos sujeitos que transitam por essa rede, nela construindo discursos e práticas.

Assim, podemos aceitar que uma rede social seja definida como um sistema composto por dois elementos que se vinculam por meio de caráter indissociável, condição *sine qua non* para o seu estabelecimento. Tais elementos são 1) os atores/sujeitos (ou instituições, grupos e afins) e 2) os nós e as suas conexões (suas interações e/ou laços sociais). Para Capra (2008 apud Barcelos *et. al* 2010, p.2), as redes sociais são redes de comunicação que envolvem e apresentam uma linguagem permeada por simbolismos, restrições culturais e, indubitavelmente, relações de poder, além de classificá-las como estruturas dinâmicas e complexas.

O interesse pelo estudo dessas redes não é recente, porém, seu enfoque respeita a própria dinâmica inerente a sua gênese. Como nos diz Barcelos *et. al.* (2010, p.4),

Até o século XX, os cientistas estudavam as partes das redes, detalhadamente, visando, com isso, compreender o todo. A partir do século XX, iniciaram-se estudos com foco na interação entre partes.

Já a noção de rede social, todavia, remete-nos à antropologia das décadas de 30-40, mais precisamente aos estudos etnográficos de Levi Strauss sobre as relações de parentesco e, mais além, ao trabalho de Radcliffe-Brown, a quem se atribui um dos usos pioneiros do vocábulo “rede” em associação às relações sociais, conforme Gutierrez (2010, p.91). A mesma autora destaca que, já a partir da segunda metade do século XX os estudos foram adquirindo maior formalismo, deixando de lado a abordagem metafórica e construindo os conceitos fundamentais para a análise das redes sociais.

Com o passar dos anos, a análise das redes sociais (tomando-as enquanto objeto de estudo) adquiriu maior relevância e grande disseminação com os estudos das redes sociais *on-line*. O surgimento da internet e, mais recentemente, de seus recursos web 2.0<sup>1</sup>, em associação às redes, permitiram a criação de espaços de trocas virtuais e criaram as condições para uma nova forma de relacionar-se, dissociada do binômio espaço-tempo, denominada redes sociais na internet (BARCELOS *et al.* 2010, p.4).

Apresentando-se como o espaço onde tais redes se constituem e se consolidam, o ciberespaço - e suas redes sociais - consolida-se como um local ímpar na (re) produção de relações entre seus atores e sujeitos. Concordamos com Levy (1999, p.19) quando diz que, quanto mais o ciberespaço amplia-se, mais ele se torna universal, e menos o mundo informacional se torna totalizável.

Seguindo com Recuero (2009, p.21),

A abordagem de rede fornece ferramentas únicas para o estudo dos aspectos sociais do ciberespaço: permite estudar, por exemplo, a criação das estruturas sociais; suas dinâmicas, tais como a criação de capital social e sua manutenção, a emergência da cooperação e da competição; as funções das estruturas e, mesmo as diferenças entre os variados grupos e seu impacto nos indivíduos.

Cientes de que os sujeitos lá inseridos são, de fato, sujeitos reais – visto que não há ausência da materialidade nesta esfera, uma vez que a mesma apenas está subjugada a um segundo plano –, o *site* consolida-se como palco

---

<sup>1</sup> “[...] é a segunda geração de serviços on-line e caracteriza-se por potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo.” (PRIMO, 2007, p.44)

para a manutenção ou criação de afinidades e tensionamentos com vinculação ao mundo dito real.

Em nosso país, as redes sociais encontram um público bastante receptivo à sua proposta, conforme evidencia o estudo<sup>2</sup> realizado pelo IBOPE em parceria com o instituto Worldwide Independent Network of Market Research, divulgado em julho de 2010. Este aponta o Brasil como sendo um dos dez países onde mais pessoas possuem acesso regular às redes sociais, em um *ranking* liderado pela Índia – país em que 100% dos usuários de internet utilizam frequentemente tais *sites* (frente a 87% dos internautas brasileiros).

### 1.2.1 Das conexões e dos laços

Segundo Recuero (2009, p.94), as redes sociais na internet podem ser classificadas em dois grupos distintos, de acordo com a sua forma de integração: emergentes e de filiação.

A primeira é assim denominada devido à sua constante (re)construção pelas trocas sociais – geralmente baixas – e caracterizam-se, segundo Barcelos *et al.* (2010, p.4) pela construção do grupo por meio da interação, como, por exemplo, nos comentários de um *weblog*<sup>3</sup> ou *fotolog*<sup>4</sup>.

Já as redes sociais de filiação ou associação são constituídas por mecanismos de filiação de *sites* de redes sociais, tendo como exemplo as listas de amigos do *site* Orkut. Tendem a apresentar-se de maneira mais estável em comparação às redes emergentes e, geralmente, são grandes, visto que não necessitam da interação para perpetuar a conexão, uma vez que esta será mantida pelo sistema utilizado.

Conforme Recuero (2009, p.30), atualmente, o foco principal de estudos em redes sociais são as conexões, posto que são as variações destas que

---

<sup>2</sup> O estudo pode ser encontrado no site Market News, disponível em <<http://www.marketnews.com.br/tag/nielsen/>>. Último acesso em 07 de junho de 2011.

<sup>3</sup> Tecnicamente, o *weblog* é um formato específico de site, cujas características assemelham-se, basicamente, pela rapidez e descentralização de atualização e pela forma como links, imagens e textos baseados no princípio de microconteúdo são posicionados cronologicamente (BARBOSA e SILVA, 2003).

<sup>4</sup> Proposta semelhante ao do *weblog*, porém as postagens ali presentes são, majoritariamente, fotos e/ou imagens.

alteram a estrutura do próprio grupo. Aponta, ainda, os quatro elementos primordiais da conexão: a interação, a relação, o capital social e os laços sociais.

Resumidamente, o ponto inicial para o estabelecimento de relações e laços sociais é a interação, que ocorre quando, no mínimo, dois sujeitos estabelecem uma atividade vinculada à resposta do próximo. A soma destas gera as relações sociais, definidas em consonância com o padrão de comunicação e atividades estabelecido e cuja ideia independe de seu conteúdo.

Já os laços sociais são o produto das relações sociais construídas pelos atores, de modo que seu conceito passa pela concepção de interação social, sendo, *a priori*, constituído a partir destas relações e denominando-se como *laço relacional*. Todavia, pensadores como Goffman (1975) defendem que o laço social também pode ser constituído por meio da associação, em que indivíduos conectam-se entre si mediante relações sociais, não dependendo exclusivamente de interação. Assim, Recuero (2009, p.39) destaca que

*Laços Relacionais*, deste modo, são aqueles constituídos através de relações sociais; apenas podem acontecer através da interação entre os vários atores de uma rede social. *Laços de Associação*, por outro lado, independem desta ação, sendo necessário, unicamente, um pertencimento a um determinado local, instituição ou grupo.

Para facilitar o entendimento dessa conceituação, reproduzimos a seguinte tabela.

**Tabela 01: Tipos de Laços e Tipos de Interação.**

<b>Tipo de Laço</b>	<b>Tipo de Interação</b>	<b>Exemplo</b>
Laço Associativo	Interação reativa	Decidir ser amigo de alguém no Orkut, trocar links com alguém no fotolog etc.
Laço Dialógico	Interação mútua	Conversar com alguém através do MSN, trocar recados no Orkut etc.

Fonte: RECUERO, 2009.

Os laços sociais podem, ainda, ser caracterizados como de dois tipos, assim como os próprios *sites* de redes sociais da internet: os laços fortes e os laços fracos.

Os primeiros apresentam-se em vias mais propícias para as trocas sociais, pautados pela proximidade e pelo objetivo em criar e manter uma conexão entre duas pessoas. Os laços fracos apresentam relações e trocas mais difusas, menos próximas e menos intensas. Contudo, é imperativo registrar que os fortes e fracos serão sempre relacionais e que nem sempre tais laços serão recíprocos.

Além disso, a internet ainda é responsável pelo fortalecimento dos laços sociais que se mantêm mesmo com uma distância considerável entre seus atores, fruto da flexibilização da manutenção e criação desses laços. Ferramentas como o *Skype*, os programas de trocas de mensagens instantâneas e os e-mails, além dos próprios *sites* de redes sociais, são instrumentos que auxiliam no encurtamento das distâncias, relativizando-as e tornando-as menos relevantes para a consolidação de relações e laços sociais. Concordamos, assim, uma vez mais, com Recuero (2009, p.44) quando esta afirma que tal desterritorialização dos laços é consequência direta da criação de novos espaços de interação.

### 1.3 – Mas porque estudar o Orkut?

No Brasil, as denominadas “redes sociais” alcançam números de participantes e de acessos cada vez mais elevados. Segundo recente estudo da empresa transnacional *International Business Machine (IBM)*<sup>5</sup>, realizado em 2010, caso existisse uma espécie de campeonato dentre os países cujos usuários de internet mais acessam tais *sites*, o Brasil seria declarado o campeão.

Segundo o referido estudo, aproximadamente 80% dos indivíduos que fizeram uso da rede mundial de computadores acessaram, ao menos uma vez, uma das redes sociais disponíveis – e não são poucas: Orkut, *Facebook*, *My*

---

<sup>5</sup> Resumo da pesquisa. Disponível em <<http://www.artigonal.com/seo-e-sem-artigos/brasil-e-campeao-de-acesso-as-redes-sociais-2767902.html>>. Acessado em 07 de junho de 2011.

*Space*, *Twitter*, dentre tantas outras. Estes dados mostram-se um pouco divergentes daqueles mencionados na página 17, pois, ao contrário do estudo anteriormente apresentado, desconsideram aplicativos como o *MSN*<sup>6</sup> e o *site* de vídeos *YouTube* enquanto *sites* de redes sociais. Contudo, apesar das diferenças de metodologia e de classificação do que é, de fato, uma rede social na internet, todos os estudos utilizados para dar sustentação a esta pesquisa convergem ao apontar o Brasil como um dos líderes globais na utilização destes *sites*.

Entre tantos nomes permeados por estrangeirismos, por siglas quase indecifráveis, alguns possuem uma maior aceitação por parte do público do que outras. Empiricamente, não foi preciso empregar grandes esforços para entender que o Orkut se configurava – e se configura – como a mais popular destas, ao menos nos círculos sociais pelos quais transitávamos.

Nossa crença termina por ser endossada por um estudo divulgado em fevereiro de 2011, denominado *Estado da Internet*, produzido pela comScore Inc<sup>7</sup>. Dentre os dados mais relevantes apontados pela referida pesquisa, encontra-se a constatação de plena liderança do Orkut nesta espécie de mercado das redes sociais no país – mercado, este, que se propaga exponencialmente, segundo o próprio estudo. Os números indicam que 78% dos internautas que recorreram a um *site* desta categoria, no Brasil, optaram pelo Orkut.

O perfil mais receptivo à proposta das redes sociais, em especial quando do início de sua ascensão, mostrava-se como um público jovem e adepto a novidades de todas as espécies, inclusive as tecnológicas. Adolescentes em idade escolar e jovens adultos respondiam por boa parte do processo de popularização, de forma que receber um convite para integrar-se ao Orkut era motivo de sorrisos e, até, de certo orgulho.

Diante de nós apresenta-se, então, um quadro que julgamos relevante: considerando-se ser o Orkut a rede social de maior aceitação pelo público, em

---

<sup>6</sup> O MSN Messenger é um programa de comunicação instantânea entre usuários criado pela Microsoft Inc. no ano de 1999. A sigla *MSN*, graças à popularidade do aplicativo, é quase sinônimo para conversas com interação escrita pelos usuários de internet.

<sup>7</sup> Empresa de medição do mundo digital, fundada em 1999, nos Estados Unidos da América, e aceita como fonte de alta credibilidade por periódicos especializados. Resumo desta pesquisa pode ser encontrado em < <http://blogs.estadao.com.br/link/tag/comscore/>>. Acessado em 18 de fevereiro de 2011

especial, por sujeitos em idade escolar ou universitária, que podem ser, ter sido, ou vir a ser nossos alunos, faz-se necessário, enquanto docentes, também conhecermos e adentrarmos nesse “admirável mundo novo”. Afinal, tudo o que é relevante para eles acaba por influenciar em seus respectivos processos de aprendizagem e seu desenvolvimento cognitivo, de modo que estar em consonância com essa premissa exige compreensão do espaço e do mundo que estes habitam, constroem e no qual atuam. Destarte, entender seus discursos, suas marcas, suas posições em um mundo pautado pela efemeridade, o qual se muda e se reconfigura instantaneamente, na contemporaneidade, apenas é possível com a compreensão de que os mundos real e virtual se entrelaçam de tal forma que sua dissociação beira o impossível.

O Orkut, com suas comunidades, mostra-se como um recorte pautado por infindáveis possibilidades de análises, bem como palco vistoso de posturas, discursos e marcas entrelaçadas por jovens que se repensam a cada instante, adotando múltiplas identidades, as quais julgamos serem merecedoras de nossa análise.

#### **1.4 – O que nos motiva a postar <sup>8</sup>?**

Consolida-se a ideia de trabalhar de forma mais cuidadosa com as identidades e os territórios delimitados pelos usuários do *site* Orkut, com especial ênfase para as identidades assumidas pelos sujeitos de um determinado bairro da cidade gaúcha de Porto Alegre – ideia, esta, que deriva da percepção de haver uma certa escassez de trabalhos sobre esta temática quando abordada pela ótica da Geografia, ao passo que outras áreas, como a Comunicação, as Ciências Sociais e os Estudos Culturais solidificam o ciberespaço e as redes sociais como campos de estudo imprescindíveis.

A intenção deste estudo é de examinar como os usuários do Orkut constroem, posicionam, territorializam a identidade do bairro Cidade Baixa, de

---

<sup>8</sup> Postar: Da ação de fazer uma postagem. Na linguagem das redes sociais, mais especificamente do Orkut, qualquer ato de escrita, seja em uma comunidade, seja na página pessoal de um sujeito, é classificado genericamente como *post* (do inglês) ou postagem.

Porto Alegre/RS. Para tanto, nossa pesquisa pautou-se pelo seguintes objetivos específicos:

- repensar conceitos de identidade e território no ciberespaço/espço virtual;
- inventariar as marcas territoriais presentes nas comunidades analisadas;
- identificar e problematizar as formas de tensionamento entre os sujeitos moradores do bairro Cidade Baixa;
- avaliar como estão se configurando outras formas de se pensar sobre territorialidade em um cenário global pós-moderno, por meio de comunidades virtuais.

### **1.5. Um geógrafo no Orkut**

Aceitar o espaço dito virtual como um campo de análise rico e importante para a ciência geográfica é premissa básica para a compreensão e contextualização deste trabalho. Nesse sentido, temos um ciberespaço, um local que, embora tenha seu acesso permitido e viabilizado somente mediante um aparato tecnológico, continua a ser um espaço, e, possivelmente, o maior dos objetos de estudo da geografia.

Esse espaço apresenta suas próprias dinâmicas e limitações, suas paisagens e suas rugosidades, tornando-se palco de atuação para diversos atores sociais e influenciando diretamente na esfera dita 'real' ou materializada.

Destarte, é imprescindível que nós, pesquisadores da Geografia, passemos a buscar a compreensão de tais fenômenos, a inter-relação destes com os acontecimentos extra-rede, e juntemo-nos a ciências que estão debruçadas sobre seus pontos de relevância há mais tempo, tais como a Comunicação e a Educação.

No que concerne, mais especificamente, ao Orkut, a presença de um pesquisador da Geografia em seu cerne justificar-se-ia por diversas motivações complementares. Contudo, particularmente em nosso caso, buscamos trabalhar as comunidades apresentadas pela rede social em questão como um território (aqui entendido na perspectiva da Geografia Cultural) de relação entre

sujeitos (e de suas respectivas identidades ali assumidas como próprias) e destes com o seu bairro nos mundos *on* e *off line*.

## 2. MANUAL DO USUÁRIO

Neste capítulo, mostramos nossos métodos de trabalho, sempre lembrando que os caminhos metodológicos aqui expressados não são estanques e/ou irrefutáveis. Pensamos que estes se constituem em importantes elementos balizadores de nossas ações e encontram-se conectados (para manter a linguagem internética) com a realidade da pesquisa e de suas necessidades.

Com essa intenção, iniciamos nosso trabalho com uma revisão bibliográfica com ênfase para os conceitos de identidade, território, ciberespaço e cultura, tendo como aporte, essencialmente, autores como Hall, Haesbaert, Bauman, Recuero, Woodward e Levy. É importante mencionar que os dois primeiros autores aqui citados são os que pautam nossas concepções de identidade e território, respectivamente.

Também estabelecemos uma discussão sobre o jovem contemporâneo, principal ator social contemplado em nossos estudos. Isso não significa que usamos somente esses conceitos, mas nos apropriamos deles como chaves-mestras para explorar o entendimento da produção do conhecimento em estudo.

Os conceitos aqui citados encontram-se em contato permanente com o nosso solo teórico, o qual busca seu aporte sob a perspectiva da Geografia Cultural, em um viés pós-estruturalista, sendo este expresso pela virada linguística, que nos concede a possibilidade de visualização de outros elementos que trazem marcas identitárias. Destacando a libertariedade e a polissemia de sentidos aceita nos textos pós-estruturalistas, apresentamos um levantamento bibliográfico que possibilitou-nos atender à pluralidade dos discursos contidos em nosso recorte de estudos, propiciando o fornecimento de subsídios para a realização de uma apreciação dos dados apresentados tendo

como base o entendimento de análise do discurso com proximidades foucaultianas.

Foucault (1996, p.38), ao destacar que o mais relevante, em uma análise do discurso, é “saber quais as condições impostas a um sujeito qualquer para que ele possa se introduzir, funcionar, servir de nó na rede sistemática do que nos rodeia”, permite-nos aferir que esta anseia, na realidade, por investigar a presença de objetos determinados, cujo funcionamento, alimentação e modificação não possuem “qualquer referência a algo considerado como sendo intuitivo e fundamentado em um sujeito” (SOUZA & SOUZA-RICARDO, 2008, p.9).

Outra etapa desta construção consistiu-se de uma pesquisa sobre o *site* Orkut, objeto de nosso estudo, partindo do seu surgimento até os dias atuais, com enfoque em detalhes técnicos, estatísticas de acesso e dados em geral. O objetivo desse passo consiste em fornecer subsídios básicos para uma abordagem mais técnica e eficiente de nosso *corpus* empírico, ao mesmo tempo em que pressupomos que o leitor deste, até pela popularidade do respectivo *site* em nosso país, tenha uma relativa familiaridade com o mesmo.

Em um outro momento, fizemos uma pesquisa no próprio *site* Orkut, balizando nossas incursões neste pela busca de discursos, imagens, textos ou elementos que nos auxiliassem em nosso objetivo de identificar as marcas que pontuam as identidades no ciberespaço, onde mereceram ênfase as comunidades presentes no respectivo *site* - mais especificamente aquelas que apresentam vinculação ao bairro que escolhemos para nossa análise.

Sobre isso, é importante ressaltar que a cidade de Porto Alegre apresenta oficialmente 82 bairros. Dentre estes, nosso estudo havia optado, inicialmente, pela escolha de quatro, os quais julgávamos representar satisfatoriamente a cidade em questão (Cavallhada, Cidade Baixa, Cristo Redentor e Santo Antônio). Faz-se relevante destacar ainda que estes momentos de “coleta” de subsídios no Orkut deram-se entre abril de 2009 e junho de 2011, privilegiando postagens realizadas neste período pelos usuários do *site*.

Seguindo sugestão da banca de qualificação, acabamos decidindo concentrar nossos esforços em um dos bairros previamente mencionados. Assim, nosso critério de escolha recaiu sobre o de número de membros

inscritos nas comunidades alusivas ao bairro Cidade Baixa, bem como à movimentação de postagens, ações e discursos nelas manifestos, em contraponto a uma certa palidez dos espaços correspondentes aos demais bairros relacionados.

No sentido de complementar as informações obtidas e aferidas nas etapas de pesquisa recém-descritas, foram realizadas algumas incursões aos espaços *off-line* que correspondem aos espaços vinculados às comunidades em estudo, com o intuito de conhecer os pontos de encontro e de interação dos habitantes e dos frequentadores do local, no período compreendido entre maio de 2010 e abril de 2011. Também fizemos tais visitas para compreender os espaços de interação e tensionamento entre os diversos grupos ou tribos que coexistem na região de estudo.

Tivemos a oportunidade, ainda, de efetuar algumas conversas de caráter informal - em ambiente virtual - com membros extremamente ativos das respectivas comunidades, os quais foram contatados por amigos em comum e sob a garantia de anonimato. Tais contatos visavam auxiliar na construção de uma análise, em tese, um pouco mais detida, dos discursos presentes e das motivações/identificações dos sujeitos para com a comunidade/bairro em questão, visto que todos os sujeitos com quem conversamos são jovens entre 18 e 30 anos, residentes no bairro há, no mínimo, um ano.

Realizadas com membros ativos<sup>9</sup> do Orkut, essas conversas não contemplaram questões fechadas, mas pontos-chave para nosso estudo, como as razões da identificação (ou não) com a Cidade Baixa, das motivações para ingresso na comunidade correspondente e, essencialmente, quais as conexões que eles percebem, visualizam e consolidam entre o bairro *off-line* e a sua representação *on-line*.

Acreditamos que esse momento foi útil no sentido de colaborar no processo de obtenção de dados relevantes para nosso trabalho, sendo um ponto de contato direto com os atores sociais que efetivamente compõem nosso corpus de estudo, possibilitando novas condições para uma melhor visualização das identidades que lá se configuram.

---

<sup>9</sup> Membros ativos são, aqui, considerados como indivíduos que possuem perfil no *site* em questão e que fazem uso do Orkut ao menos uma vez por mês.

Neste sentido, ressalta-se que também tentamos a realização de uma entrevista, com perguntas fechadas, junto ao responsável pelo gerenciamento e pelas operações do *site* de relacionamentos Orkut em território nacional, a fim de que tivéssemos uma visão não apenas de quem constrói relações e identidades por meio dele, mas também um olhar em escala macro de quem responde por seu desenvolvimento e sua gestão. Infelizmente, até o fechamento deste trabalho, não havíamos recebido a resposta.

Nosso trabalho também demandou incontáveis visitas às comunidades *Cidade Baixa – Porto Alegre* e *Lima e Silva - Poa*. Por uma questão de organização, tais comunidades serão mencionadas, no decorrer do texto, como *Comunidade 01* (Cidade Baixa – Porto Alegre) e *Comunidade 02* (Lima e Silva – Poa). A opção pela ordem de numeração dá-se apenas pelo posicionamento hierárquico das estruturas que representam (Bairro e Rua, respectivamente). Em relação à frequência de nossas incursões a tais comunidades, destacamos que poucos foram os dias nos quais não as acessamos em busca de atualizações ou de novos elementos passíveis de análise, especialmente nos últimos meses.

Em tais visitas, percorremos diversos perfis de membros da comunidade buscando eixos de conexão entre os mesmos, pontos de convergência e afastamento, assim como uma análise mais detalhada sobre os discursos empregados nestes locais.

Ao final, mas jamais de maneira definitiva, foram redigidas algumas considerações, discorrendo-se sobre pontos de encontro e desencontro das identidades apresentadas em nosso recorte de estudo, sem a intenção, contudo, de colocar um rótulo nos sujeitos por ele englobados, mas, sim, de ofertar subsídios para que o leitor deste estudo, de fato, insida o seu próprio olhar sobre as questões aqui debatidas.

O que foi exposto neste Manual de Usuário foi desenvolvido da seguinte maneira:

No capítulo 3 - Navegando... Na Geografia Cultural, no Ciberespaço, no Orkut... - apresentamos o nosso *corpus* teórico por meio de uma sistematização relativa aos principais autores e conceitos que abordamos – e conversamos - nesta pesquisa de maneira articulada.

Já no capítulo 4 — Caiu na rede... é peixe, é sujeito, é *fake*.e quando a rede é quem cai? — , trazemos informações e considerações sobre a internet, os seus *sites* de redes sociais (com ênfase no Orkut), discorremos sobre nossas primeiras experiências com os mesmos, além de iniciar a discussão sobre quem são os usuários dessas redes.

No Capítulo 5 – As comunidades e a baixa cidade - , descrevemos e problematizamos as especificidades das comunidades virtuais, com especial ênfase para as comunidades de nosso estudo e suas possibilidades enquanto palco de descentramento e hibridização de identidades. Ainda, apresentamos determinados pontos de interface dessas comunidades com o mundo *off-line*, alguns dos tensionamentos lá presentes, reproduzindo uma amostra dos discursos que subsidiam nossa análise.

Por sua vez, no Capítulo 6 – Uma última postagem ... –, trazemos uma discussão que retoma certos temas recorrentes nos diversos focos analíticos e “antes de desconectar”, tecemos breves considerações que julgamos relevantes e sinalizam o nosso olhar sobre o tema.

### **3. NAVEGANDO... NA GEOGRAFIA CULTURAL, NO CIBERESPAÇO, NO ORKUT...**

Dentro da Geografia, mais especificamente no que se refere ao eixo do qual se encarrega a Geografia Cultural, percebe-se uma significativa alteração na agenda de investigação a partir da metade da década de 1970. No escopo da Geografia Cultural, seu temário, segundo Rosendhal e Corrêa (2007) amplia-se, incorporando os temas já tradicionais, porém agora submetidos a uma nova leitura, não os restringindo, mas, sim, agregando outros que, até aquele momento, consideravam-se distantes do escopo de análise da Geografia Cultural.

A partir desse momento, a cultura deixa de ser vista como uma superestrutura e passa a estar diretamente vinculada ao cotidiano e a suas especificidades. Ainda segundo Rosendhal e Corrêa (2007), “ideias, habilidades, linguagem, relações em geral, propósitos e significados comuns a um dado grupo social são elaborados e reelaborados a partir da experiência, contatos e descobertas – tudo isso é cultura” (p.14).

Para ilustrar nossa concepção de cultura, invocamos Woodward (2008, p.41):

Cada cultura tem suas próprias e distintivas formas de classificar o mundo. É pela construção de sistemas classificatórios que a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados. Há, entre os membros de uma sociedade, um certo grau de consenso sobre como classificar as coisas a fim de manter alguma ordem social. Esses sistemas partilhados de significação são, na verdade, o que se entende por ‘cultura’.

Contudo, concordando novamente com os autores recém-citados, pode-se afirmar que a diversidade cultural não se perde neste processo, mas, sim, a é reavaliada e confirmada.

Para nos ajudar a compreender um pouco melhor o foco de análise da Geografia Cultural, invocamos Wagner e Mikesell (2007, p.28), que, em suas perspectivas, destacam:

A Geografia cultural distingue, descreve e classifica os complexos típicos de aspectos ambientais, incluindo aqueles feitos pelo homem, que coincidem com cada comunidade cultural, considerando-os como paisagens culturais e procura origens na história da cultura. Finalmente, pode estudar os processos específicos nos quais estão envolvidas manipulações humanas do meio ambiente, juntamente com suas simplificações para o bem-estar da comunidade e da humanidade, considerando-os como ecologia cultural. Estes cinco temas implícitos – cultura, área cultural, paisagem cultural, história da cultura e ecologia cultural – constituem, juntos, o núcleo da Geografia cultural.

Porém, a conexão entre cultura e Geografia não está nítida para a totalidade dos geógrafos. Para alguns, esta não é uma área sobre a qual a Geografia deveria dedicar suas análises, pois outras áreas já o fazem. Sobre isso, Wagner e Mikesell (2007, p.51) alertam-nos:

Os geógrafos que não adotam conscientemente a noção de cultura em seus estudos costumam alegar que a tradição cultural se relaciona à antropologia e não à Geografia. Desconhecem o fato de que a Geografia cultural, de qualquer escola, diz respeito à Terra, e não pretende apresentar novas generalizações sobre o caráter intrínseco e o desenvolvimento de culturas ou comunidades culturais enquanto tais.

Refletindo sobre o que viria a ser a delimitação da Geografia cultural em um futuro breve, Sauer (2007, p.25), nas primeiras décadas do século passado, afirmou:

Os problemas principais da Geografia cultural consistirão no descobrimento do conteúdo e significado dos agregados geográficos que reconhecemos, de forma imprecisa, como áreas culturais, em estabelecer quais são as etapas normais de seu desenvolvimento, em investigar as fases de apogeu e de decadência e, desta forma, alcançar um conhecimento mais preciso da relação da cultura e dos recursos que são postos à sua disposição.

Para Claval (2007, p.162), a Geografia cultural ajuda, inclusive, na reconstrução do estudo da própria Geografia humana:

A idéia [sic] de que o papel da cultura na Geografia era muito diferente do que o da economia ou das ciências políticas tornou-se mais corrente ao final dos anos oitenta e no começo dos anos noventa. Os geógrafos, considerando a cultura, não buscavam somente desenvolver um novo domínio chamado "geografia cultural", mas reconstruir toda a Geografia humana a partir de uma perspectiva nova.

Essa definição acaba não sendo corroborada inteiramente por Cosgrove (2007, p. 110), segundo o qual "o padrão é tão difuso que se fica tentado a caracterizar a Geografia Cultural mais por sua recusa em adotar a teoria econômica ou social como seu princípio orientador que por qualquer unidade de objetivo ou método".

Novamente, recordando Sauer, os geógrafos e historiadores da cultura frequentemente mencionam níveis ou estágios da cultura, mostrando que existe uma espécie de heterogeneidade dentro de uma espécie de classificação homogênea. Correa (2007, p.174), por sua vez, ressalta que "a cultura se manifesta espacialmente".

Essa última afirmação é aqui trazida para que possamos compartilhar nossas inquietações a respeito de um novo espaço de encontro de culturas, identidades e afins: o ciberespaço, assim definido por Pierre Levy (1999, p.92):

Eu defino ciberespaço como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias de computadores. Esta definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos, na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas a digitalização.

Com sua ascensão, o ciberespaço traz um novo *lócus* de análise para a Geografia, especialmente no âmbito da supracitada Geografia Cultural. Segundo Lévy (1999, p.17)

O ciberespaço (que também chamarei de rede) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.

Haesbaert (2003), para quem Lévy é o principal teórico dos processos de territorialidade no ciberespaço, afirma que este, hoje, não é mais considerado unicamente um fruto do avanço tecnológico, não estando moldado às estruturas físicas que possibilitam sua difusão, mas, sobretudo, ao conteúdo e às informações nele contidas. Sendo um novo palco de ações para os mais diversos atores sociais, as relações, os discursos e as imagens ali construídas passam a influenciar diretamente as relações pré-existentes, ou que se dão no mundo dito real.

*Sites* de relacionamentos, *softwares* de comunicação instantânea, ferramentas de interatividade são bons exemplos de novos locais que, se não são palpáveis, indiscutivelmente afetam a constituição/consolidação das inter-relações entre os sujeitos. Conforme Canclini (2007, p.78), as redes virtuais “cambian los modos de ver y leer, las formas de reunirse, de hablar y escribir, de amar y saberse amados a distancia, o acaso imaginarlo”.

Para Hall (2004), esta compressão espaço-tempo de uma sociedade dita em rede cria ferramentas para um choque ou uma hibridização de diferentes identidades formadas ao longo do planeta. Segundo ele, as identidades modernas estão sendo descentradas.

Essa descentralização das identidades não se deriva exclusivamente da ode recente ao ciberespaço, mas está vinculada, de forma mais sólida, ao processo de globalização - fenômeno relativamente recente, assim definido por Morin (1995, p.35):

Não apenas cada parte do mundo faz cada vez mais parte do mundo, mas o mundo enquanto todo está cada vez mais presente em cada uma de suas partes. Isso se verifica não só para as nações e os povos, mas também para os indivíduos. Da mesma forma que cada ponto do holograma contém a informação do todo de que faz parte, doravante cada indivíduo também recebe ou consome as informações e as substâncias vindas de todo o universo.

Nesse sentido, Woodward (2008, p.21) ressalta que

A globalização, entretanto, produz diferentes resultados em termos de identidade. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode

fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade.

A ação da globalização encontra, no espaço virtual, um campo demasiadamente fértil para seu espalhamento, havendo uma espécie de concessão coletiva para que possamos assumir novas identidades, borrar fronteiras nunca antes imagináveis e explorar territórios que só estão consolidados no mundo virtual.

Território, deve-se ressaltar, é um conceito bastante caro à Geografia e que, até os dias atuais, suscita um elevado número de debates em torno de si. A consolidação do ciberespaço enquanto um novo campo de análise geográfico impele-nos a questionar sobre a existência – ou não – de territórios neste espaço cibernético e, por conseguinte, de processos de territorialidade, territorialização, reterritorialização, intrinsecamente ligados à discussão da fluidez das fronteiras e das próprias identidades encontradas no espaço virtual.

Segundo Haesbaert (2003, p.37),

Apesar de ser um conceito central para a Geografia, território e territorialidade, por dizerem respeito à espacialidade humana, tem uma certa tradição também em outras áreas, cada uma com enfoque centrado em uma determinada perspectiva. Enquanto o geógrafo tende a enfatizar a materialidade do território, em suas múltiplas dimensões (que deve[ria] incluir a interação sociedade-natureza), a Ciência Política enfatiza sua construção a partir de relações de poder (na maioria das vezes, ligada à concepção de Estado); a Economia, que prefere a noção de espaço à de território, percebe-o muitas vezes como um fator locacional ou como uma das bases da produção (enquanto “força produtiva”); a Antropologia destaca sua dimensão simbólica, principalmente no estudo das sociedades ditas tradicionais (mas também no tratamento do “neotribalismo” contemporâneo); a Sociologia o enfoca a partir de sua intervenção nas relações sociais, em sentido amplo, e a Psicologia, finalmente, incorpora-o no debate sobre construção da subjetividade ou da identidade pessoal, ampliando-o até a escala do indivíduo.

Faz-se imprescindível deixar claro que propomos a abordagem do conceito de território conceitos sob uma perspectiva mais correlata à Geografia Cultural. Assim, os processos de desterritorialização, reterritorialização e outros aqui citados serão tratados conforme a perspectiva de Haesbaert (1999, p.35):

Desterritorialização está vinculada, para alguns estudiosos, à hibridização cultural que impede o reconhecimento de identidades claramente definidas – o território aqui é, antes de tudo, um território simbólico, ou um espaço de referência para a construção de identidades.

Não obstante, há um ponto em que as diversas ciências e correntes de pensamento que trabalham com o conceito de território convergem: a vinculação da sua utilização com a questão fundamental do poder. Há mais de dez anos, Andrade (2004, p.19) afirmou que

O conceito de território não deve ser confundido com o de espaço ou de lugar, estando muito ligado a idéia [sic] de domínio ou de gestão de determinada área. Assim, deve-se sempre ligar a idéia [sic] de território à idéia [sic] de poder

O próprio Andrade (2004, p.14) salienta que “a análise histórica é indispensável na compreensão da formação do território, da forma que se apresenta hoje”. Contudo, isso não invalida um estudo sobre os *webterritórios*<sup>10</sup> oriundos do ciberespaço, os quais, ainda que tenham se configurado muito recentemente, carecem de uma análise histórica sobre sua gênese, mesmo admitindo que tal análise tenda a ser desenvolvida em uma escala temporalmente reduzida frente às idiosincrasias de um território galgado na perspectiva materialista.

Todavia, é importante considerarmos que a constituição destes territórios ou *webterritórios* tem suas especificidades, visto que não são necessariamente vinculados a um território físico e/ou material. Dentre suas características mais latentes, está uma diferenciação na forma como tais espaços são geridos e de como se constituem os processos de territorialização, reterritorialização e desterritorialização. Nesse sentido, Haesbaert (2004, p.272) afirma que

Uma das principais modalidades da virtualização é, assim, “o desprendimento do aqui e agora, ou seja, “o virtual, com frequência [sic] ‘não está presente’”, o que provoca constantes confusões entre virtual e “irreal”. Isto significa [...], que a virtualização e o ciberespaço são os melhores exemplos da “compressão” ou do “desencaixe” tempo-espaço em que

---

<sup>10</sup> Termo livremente utilizado pelo autor para referir-se a territórios cujo acesso e visualização são possibilitados apenas pela rede mundial de computadores, ou *world wide web*, em inglês.

vivemos. Entretanto [...], esses processos, vinculados a presença-ausência, são apenas uma das diferentes características ou formas de manifestação da dinâmica de desterritorialização.

No que tange à apropriação e à execução do poder dentro de tais territórios, o mesmo autor diz-nos que, ao contrário de um território tradicional, não se faz necessário o controle de fronteiras como nos chamados territórios-zona – até pela sua difusão e relativização no espaço virtual –, mas, sim, “trata-se agora muito mais de controlar linhas e pontos, ou melhor, fluxos e conexões, em síntese, redes” (2003, p.270).

Esses *webterritórios* são materializados, ou quem sabe fixados, da melhor forma, nos chamados *sites* de relacionamentos que podem ser encontrados na internet, dentre os quais os mais conhecidos são o Orkut e o *Facebook*. Tais *sites* consolidam-se como um espaço à parte dentro do próprio ciberespaço. Podemos fazer tal afirmação ao considerarmos a necessidade existente da criação, por parte do usuário, de um *login* e de uma senha, tornando restrito aos membros dessa grande comunidade o acesso a esses *webterritórios*.

Aceitando tais locais de análise como territórios de fato, permeados por discursos e interações entre vários sujeitos que se identificam ou não com os mesmos, temos as condições para o despertar de uma identidade territorial dentro do ciberespaço. Conforme Haesbaert (1999, p.178-179),

Trata-se de uma identidade em que um dos aspectos fundamentais para sua estruturação está na alusão ou referência a um território, tanto no sentido simbólico quanto concreto. Assim, a identidade social é também uma identidade territorial quando o referente simbólico central para a construção desta identidade parte do ou transpassa o território. Território que pode ser percebido em suas múltiplas perspectivas, desde aquela de uma paisagem como espaço cotidiano, "vivido", que "simboliza" uma comunidade, até um recorte geográfico mais amplo e em tese mais abstrato, como o do Estado-nação.

Em locais como o Orkut, além de encontrar um ambiente que permite a comunicação/interação com amigos ou desconhecidos, os membros também possuem, à sua disposição, uma infinidade de microespaços delineados por temática, interesse ou afins e que também estão condicionados a uma

associação. Tais espaços são denominados de comunidades e estas se configuram enquanto relevante palco para a constituição e/ou repaginação das identidades territoriais no ciberespaço.

É importante referir que as comunidades geralmente possuem proprietários e/ou mediadores, os quais são responsáveis por fazer a gestão desse território. O mesmo espaço, ainda, possui seus limites relativamente bem definidos, sem contar a presença, até certo ponto curiosa, de rivalidades entre essas comunidades (disputas e discussões entre membros de comunidades vinculadas a algum time de futebol, a bairros distintos ou a estilos musicais são frequentes e nada difíceis de serem notadas). Nada disso, no entanto, causa estranhamento a Bauman (2003, p.104), para quem “comunidade significa *mesmice* e a *mesmice* significa a ausência do outro, especialmente um outro que teima em ser diferente, e precisamente por isso capaz de causar surpresas desagradáveis e prejuízos.”

O caráter de segregação presente nesses territórios virtuais é dado pela recusa, em alguns casos, de que determinado sujeito associe-se a certas comunidades. Torna-se lugar comum, também, a opção de associar-se em várias comunidades, mesmo que o usuário não as frequente com uma regularidade possível de ser mensurada.

Essa segregação manifesta-se diretamente nos discursos que transitam e se reproduzem livremente dentro desta compressão tempo-espaço apresentada no espaço virtual. Atinge, simultaneamente, uma gama inimaginável de sujeitos e locais. Assim sendo, vale lembrarmos Lecourt (1996), para quem o discurso, em última análise, é uma prática; sendo que estas práticas possuem contornos específicos – mas não menos densos – quando analisadas sob a ótica ciberespacial. Além disso, este leque infindável de discursos exige um estudo, segundo Foucault (1995, p.33), do espaço de onde estão sendo constituídos:

Fazer aparecer, em sua pureza, o espaço em que se desenvolvem os acontecimentos discursivos não é tentar restabelecê-lo em um isolamento que nada poderia superar; não é fechá-lo em si mesmo; é tornar-se livre para descrever, nele e fora dele, jogos de relações.

Ainda segundo Foucault (1995, p.31), “a análise do pensamento é sempre alegórica em relação ao discurso que utiliza”. Essa figura de linguagem utilizada, a alegoria, remete-nos a uma ideia de fantasia em relação ao conteúdo do discurso, dando margem para a interpretação. Essa mesma concepção de análise possibilita-nos pensar diretamente em um mundo imaginado, porém, que não é inválido, já que, por vezes, possui uma aceitação coletiva. Assim,

O social, racional e mecânico, surgido de uma tal configuração, não está mais na ordem do dia. Porém isso não quer dizer que não exista um estar-junto alternativo. E mesmo que ele não esteja claro para si mesmo, está bem presente. E se não é consciente, ele é certamente vivido enquanto tal. De uma maneira provisória, pode-se dizer que o mundo imaginal é causa efeito de uma “subjetividade de massa” que, progressivamente, contamina todos os da vida social (MAFFESOLI, 1995, p.19).

E quem são os principais usuários de tais ferramentas/programas? A maioria são aqueles já nascidos dentro de uma sociedade em que o consumo prevalece sobre quase a totalidade das supostas diretrizes coletivas, circundados por uma publicidade que não descansa e se utiliza de todo este aparato técnico para avançar seus tentáculos sobre uma gama de consumidores que tende a possuir um alto grau de influência sobre seus pais – os detentores do capital e do poder de compra – e que, sobretudo, são quase que imediatamente impelidos a pensar digitalmente (sob o risco de serem considerados “excluídos” – palavra forte e que soa quase como uma pena de condenação para aquele a quem se imputa este rótulo). Os jovens constituem-se, portanto, no principal alvo receptor destes “comandos”.

Porém, quem é este jovem contemporâneo? Trata-se de um sujeito criado e constituído já sob uma ótica pós-moderna, com valores distintos aos de gerações anteriores. Em um mundo globalizado e pautado pelo consumismo e pelo excesso, nem sempre suas aspirações e seus anseios são plenamente satisfeitos, tornando esse jovem integrante de uma geração em busca. Ou, como diz Garbin (2003, p.128), “é recorrente a afirmação de que a juventude atual substituiu os ideais mais amplos de mudança social e política por objetivos mais imediatistas, ligados ao prazer e ao consumo”.

Cabe ressaltar que, em nenhum momento, estamos emitindo alguma espécie de juízo de valor em relação a esses jovens; apenas estamos constatando o quanto estão mais suscetíveis a influências oriundas de uma indústria cultural sólida e a um conjunto de mídias que se empenha em atingir, com maior tenacidade, exatamente essa faixa etária.

Essa indústria cultural oferta uma miríade de produtos e artefatos que auxiliam na formação e/ou consolidação, e/ou afirmação, e/ou artificialização das identidades, especialmente a dos jovens cujo leque de opções para a serem incorporadas enquanto escolha pessoal, que lhes ajudam a constituir-se enquanto sujeitos ou não - pois as identidades se constroem pela aceitação e também pela negação, ou, como diria Woodward (2008), as identidades são fabricadas pela marcação da diferença -, é vasto e permeado de possibilidades de representações das mais variadas.

Sejam músicas, bandas, roupas, marcas, atitudes ou até o corte de cabelo a ser considerado moderno, recomendado ou *cool*, não faltam opções para tornar verdadeira a premissa de Hall (2004, p.71) de que “a identidade está profundamente envolvida no processo de representação”.

Nesse contexto, torna-se difícil pensar que esta *overexposição* à tecnologia e a todo o conteúdo e não-conteúdo que a mesma oferece acabe por não possuir espaço importante na constituição do jovem da atualidade.

Este jovem que consome, que deseja, que vislumbra, que possui aspirações imediatas ou nem tanto, que tem a necessidade de se fazer existir enquanto sujeito perante o seu grupo (ou tribo - vocábulo originalmente utilizado para definir uma comunidade indígena, mas que adquiriu contornos que o vincula diretamente aos grandes centros urbanos) passa a ter a consolidação da sua identidade diretamente vinculada ao que a indústria cultural oferece-lhe e àquilo que esta insiste em fazê-lo acreditar enquanto sendo o caminho uno e sábio a ser trilhado. Cria-se, assim, uma espécie de contradição, na qual, ao mesmo tempo em que ninguém quer ser igual ao outro, o diferente lhe é vendido como estranho, dando origem àquilo que acreditamos ser uma espécie de heterogeneidade na homogeneização, onde as identidades e as culturas cada vez mais se interconectam e se fundem, ainda que dentro de certos limites. Temos, então, as identidades partilhadas

que encontram um terreno extremamente fértil na internet para se encontrarem e se espriarem (HALL, 2004). Ou seja,

As identidades em conflito estão localizadas no interior de mudanças sociais, políticas e econômicas, mudanças para as quais elas contribuem. As identidades que são construídas pela cultura são contestadas sob formas particulares no mundo contemporâneo [...] Este é um período histórico caracterizado, entretanto, pelo colapso das velhas certezas e pela produção de novas formas de posicionamento (WOODWARD, 2008, p.25).

Tendo como uma das principais características a invalidação das fronteiras geográficas, a rede mundial de computadores assume um papel ímpar nas relações sociais, com especial destaque para os jovens, ao constituir-se enquanto palco para a adoção de identidades autoproclamadas (em que o ideal reside em ser aquilo que, de fato, desejo ser – o que nem sempre é viável no mundo dito real). A internet passa a ser um dos principais locais de encontro, onde definições sobre quem sou eu e qual é o meu papel neste mundo digital – ou Ciberespaço.

## 4. CAIU NA REDE...É PEIXE, É SUJEITO, É *FAKE*... E QUANDO A REDE É QUEM CAI?

### 4.1 – Internet, comunicação e redes sociais

Conceituar a internet é fundamental para nossa compreensão acerca dos fenômenos de reconfigurações identitárias, borramento de fronteiras e compressão espaço-temporal. Internet<sup>11</sup> é a “rede de redes, é o espaço de desenvolvimento de muitas redes sociais” (GUTIERREZ, 2010, p.96). Ela pode ser traduzida como uma espécie de junção de redes em escala mundial conectadas entre si pelo protocolo TCP/IP (*Transmission Control Protocol/Internet Protocol*). Apresenta-se como exemplo concreto dos processos de construção de redes, tomando como ponto de partida a junção de pontos de aproximação, remetendo-nos à noção de proximia apregoada por Maffesoli (1995).

O embrião dessa rede deriva de órgãos de defesa estadunidenses que desejavam uma comunicação remota e segura. Todavia, seu formato original começa a configurar-se a partir de 1990, sendo disponibilizado para o acesso universal um ano depois.

Oficialmente, aceita-se que o termo internet ganhou o seu registro atual, em 1995, do Federal Networking Council<sup>12</sup>, o qual assim a define:

Internet refers to the global information system that - (i) is logically linked together by a globally unique address space based on the Internet Protocol (IP) or its subsequent extensions/follow-ons; (ii) is able to support communications using the Transmission Control Protocol/Internet Protocol (TCP/IP) suite or its subsequent extensions/follow-ons, and/or other IP-compatible protocols; and (iii) provides, uses or makes

---

<sup>11</sup> Não se deve confundir o termo internet com a denominação *World Wide Web* (ou simplesmente *www*, muitas vezes tratados como sinônimos. O primeiro diz respeito à rede composta pelos computadores e servidores. Já a *World Wide Web* é a interface gráfica para a rede dos aplicativos e demais itens armazenados e disponibilizados na própria internet.

<sup>12</sup> Conteúdo disponível em [http://www.fnc.gov/internet\\_res](http://www.fnc.gov/internet_res). Acessado em 12 de janeiro de 2011.

accessible, either publicly or privately, high level services layered on the communications and related infrastructure described herein.<sup>13</sup>

A partir da segunda metade da década de 90, a internet sofre um processo de privatização, lembrando que sua origem não passava pela iniciativa privada. Conforme Castells (2003), a internet consistia em uma tecnologia ousada e cara demais e, em especial, em uma iniciativa demasiadamente arriscada para ser assumida por organizações que almejavam o lucro.

Nesse momento, “a rede inicial havia se transformado em 50 mil redes espalhadas por todos os continentes” (GUTIERREZ, 2010, p.97). Simultaneamente, e em um ritmo acelerado, pipocam os aplicativos de uso mais popular, tais como os programas de trocas de mensagens instantâneas entre os usuários.

Foi também nesse período que ocorreu a bolha da internet, fenômeno que representou a entrada de grande aporte de capital financeiro na rede, influenciando diretamente sua consolidação e seu futuro. Faz-se importante destacar que tal bolha teve seu início com a oferta pública de ações da Netscape<sup>14</sup>, atingindo seu ápice na virada do milênio - momento em que as empresas de tecnologia obtiveram sua maior valorização, seguida de uma perda significativa em sua cotação. Essa bolha, no entanto, acaba por estourar aproximadamente dois anos após o período de supervalorização, tornando-se um marco na história comercial da internet.

Em relação aos aspectos econômicos da rede, a internet traz em suas origens um hibridismo interessante, no qual coexistem a economia de mercado com forte ação do capital e o trabalho livre, sem remuneração (RECUERO, 2009; GUTIERREZ, 2010). As próprias redes sociais da internet se retroalimentam por meio dessa participação ‘voluntária’ de sujeitos (que são,

---

<sup>13</sup> Internet refere-se ao sistema de informações globais que: (I) está logicamente conectado a um único e global endereço espacial baseado no Internet Protocol (IP) ou suas subseqüentes extensões/segmentos; (II) é capaz de suportar comunicações utilizando o Transmission Control Protocol/Internet Protocol (TCP/IP) ou suas subseqüentes extensões/segmentos, e/ou outros protocolos IP compatíveis; e (III) oferta, utiliza ou torna acessível, de forma pública ou privada, serviços de alto nível baseados nas camadas de comunicação e infra-estrutura aqui descritos. Tradução livre do autor.

<sup>14</sup> Empresa Estadunidense que respondeu pela criação de um navegador (*browser*) de mesmo nome, extremamente popular nos últimos anos da década de 90.

também, consumidores de produtos e de informações por meio dessas redes). Como diz Gutierrez (2010, p.99),

Por exemplo, cada criação original compartilhada como dádiva num site de rede social gera um movimento que aproxima os usuários da publicidade de outras mercadorias e empresas, os verdadeiros clientes. Neste caso, um conteúdo originado de trabalho não-pago é o que atrai clientes e movimenta a economia de mercado. Milhares de usuários de sites de redes sociais, criando, postando e avaliando conteúdo, classificando, divulgando e comentando, gratuitamente se divertem e trabalham, proporcionando lucros incríveis para a iniciativa privada.

Esse sistema global de informações adquire maior relevância a cada novo dia, e não seria arriscado afirmar, a cada instante. Ao mesmo tempo em que expande seu alcance – e torna-se quase impossível pensarmos na contemporaneidade sem sua existência e suas (in)conveniências - , a internet constrói-se como um elemento possibilitador da configuração de um espaço imaterial e da consequente transeúncia de fluxos informacionais e de ações oriundas ou derivadas da esfera popularmente classificada como mundo real.

Frente a isso, chega-se a um quadro em que a dissociação entre o material e o virtual torna-se pouco simples, visto que atores, transações e eventos presentes em uma dessas esferas entrelaçam-se com os pares - e ímpares – de outra, tornando tudo real, independentemente de sua materialidade ou não.

Um dos principais e mais eloquentes fenômenos originados por essa *ciberização*<sup>15</sup> dos elementos, agentes e discursos consiste na aceleração dos eventos e, em especial, na divulgação destes.

Acerca desse cenário e de sua importância, Harvey (1999, p.240) afirma que,

À medida em que os horizontes temporais se encurtam até ao ponto em que o presente é tudo o que existe, temos que aprender a lidar com um sentimento avassalador de compressão de nossos mundos espaciais e temporais.

---

<sup>15</sup> Termo designado para tratar da incorporação de elementos que, em determinado momento, passam a se fazer presentes também no ciberespaço.

Em uma vida na qual tal compressão faz-se presente, a comunicação torna-se um dos aspectos de maior relevância para a reprodução e deslocamento de capitais, para o atendimento à demanda de informação globalizada e imediata e para a resposta à noção de urgência da pós-modernidade. A comunicação passa a adquirir um *status* de importância quase tão elevado quanto os próprios eventos, apresentando-se como um dos eixos que, literalmente, movem o mundo. A velocidade da comunicação atinge patamares outrora inimagináveis e possui relação direta de causa e consequência com a aceleração dos processos espaço-temporais no globo. Como nos diz Martins (2008, p.14), “nestas trocas velozes, não importa mais qual valor, mas o valor de que algo está sendo comunicado”. A comunicação e a internet tornam-se, pois, indissociáveis das novas tecnologias - especialmente das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) - para sua atuação plena.

Surge, desta estreita ligação entre internet e comunicação (e do avanço permanente de ambas), condição para uma verdadeira revolução no modo como os sujeitos relacionam-se entre si. Elementos do cotidiano, como cartas, acabaram por se tornar obsoletos sem nos darmos conta, ao passo que o e-mail e outras ferramentas ganhavam espaço. Os telefones e as suas tarifas comumente elevadas, em especial para ligações entre pontos geograficamente distantes, diminuem seu mercado de atuação frente a tecnologias como *Skype*<sup>16</sup> e semelhantes, bem como a programas de trocas de mensagens instantâneas.

Some-se a isso a ascensão de uma juventude que é produto e produtora de uma sociedade baseada no consumo, na individualidade (ainda que a ação do grupo pautada diversas de suas facetas identitárias) e cuja necessidade está muito mais em “mostrar-se” feliz do que em realmente sê-lo. Essa junção de elementos desenha, simplificada, o momento em que se dá a descoberta de um *site* (portanto, um utilizador da internet), onde estes podem comunicar-se com amigos (ou meros desconhecidos) e vender a imagem que desejarem, seja esta fidedigna ou não – e quem há de julgar? –, assumindo um perfil, uma

---

<sup>16</sup> Aplicativo de comunicação instantânea que, além de permitir a troca de mensagens e ligações de voz entre seus membros, também faz chamadas para telefones convencionais a preços muito vantajosos.

identidade que é unitária, todavia jamais única. Trata-se de um local onde os sujeitos ali presentes apenas são, comunicando-se com outros que ali apenas estão dispostos a ser (ou não ser). E eis o processo motriz do nascimento dos *sites* de redes sociais, os quais, segundo Recuero (2009, p.103), diferenciam-se de outras formas de comunicação mediada pelo computador devido ao “modo como permitem a visibilidade e a articulação das redes sociais, a manutenção dos laços sociais estabelecidos no espaço *off-line*”.

Consoante a autora, ainda que os *sites* de redes sociais configurem-se como suporte para as diversas interações que consolidam as redes sociais, estes não são, por si, redes sociais (2009, p.103), visto que são unicamente sistemas, absolutamente pautados pelas ações de seus usuários.

Utilizando a categorização proposta por Recuero (2009), pode-se dividir as redes sociais em duas classificações: *sites* de rede social propriamente ditos e *sites* de redes sociais apropriados, onde o primeiro está vinculado a uma exposição das redes conectadas aos sujeitos, estando a interação intrinsecamente conectada à publicização das redes às quais o sujeito está inserido. O Orkut e o *Facebook* configuram-se como seus exemplos mais latentes.

Já os *sites* de redes sociais apropriados possuem uma origem distinta, sem a intenção assumida de publicizar redes sociais, sem locais para a exposição de conexões. No entanto, por vezes, acabam assumindo esse papel graças à ação de seus usuários. Como exemplo temos *Fotologs* e *Weblogs* configurando-se enquanto redes sociais por meio de fotos, comentários e *links*.

#### **4.2 – Contatos iniciais com os *sites* de redes sociais**

O despertar de nosso interesse pelos estudos dos *sites* das redes sociais origina-se de reflexões concebidas, remotamente e de forma pouco pretensiosa, com a popularização em massa destes há alguns anos, o que ocorreu quase que de forma paralela e simultânea ao nosso ingresso no curso de Geografia. O ano era 2004: tempos em que o *mIRC* (programa de comunicação instantânea) já apresentava sinais de obsolescência, o *ICQ* (acrônimo de “*I seek You*”, ou “Eu procuro você”), outro programa de

comunicação quase contemporâneo ao *mIRC* e ainda mais popular que o programa recém-mencionado) estava perdendo adeptos no Brasil e no mundo, e o *MSN Messenger* (ferramenta de comunicação instantânea da Microsoft) conquistava usuários em velocidade acelerada.

Nesse mesmo ano, surge o *site* de redes sociais Orkut, que logo chega ao Brasil com reconhecido sucesso, tornando-se, em pouco tempo, uma verdadeira “febre”, especialmente entre adolescentes e jovens adultos. Em um espaço de tempo não muito considerável, surgem outros *sites* com proposta semelhante à do Orkut, tais como *MySpace* e *Facebook*.

Todavia, ainda na condição de usuário, pouco esforço se fazia necessário para constatar, empiricamente, que, dentre todos eles, o Orkut era o único que de fato possuía uma significativa penetração e relevância frente aos jovens e usuários em geral. Não possuir um perfil era estar desconectado do mundo *on-line*.

#### **4.2.1 – Orkut, Twitter, Facebook, blogs...**

Dentre a diversidade de produtos para consumo na internet, os *sites* de redes sociais são dos mais profícuos em seguidores e em repercussão midiática. Tornaram-se porta de entrada para a divulgação de artistas, para a promoção de programas de televisão, para enquetes de satisfação de consumidores frente a determinadas marcas, produtos ou serviços. Além, é claro, de auxiliarem na diminuição das distâncias – ao menos no que tange a discursos e ideias – entre os sujeitos, um dos seus principais propósitos.

Nesta miríade de opções disponibilizadas ao usuário da internet, as redes sociais acabam por expandir-se e travam uma disputa pela preferência do seu público.

Enquanto que, no Brasil, o *site* Orkut desfrutava de posição confortável em termos de aceitação e de participação nesse “mercado”<sup>17</sup>, outros *sites* com propostas mais ou menos semelhantes avançavam em distintos locais.

---

<sup>17</sup> Parece-nos que o emprego da denominação “mercado”, nesse caso, justifica-se, visto que há consumo e uma relação de troca implícita na utilização desses serviços.

Um fenômeno nem tão recente responde pelo nome de *blog*; isto é, um determinado tipo de *site* na rede mundial de computadores pautado pelo caráter bastante pessoal de seus textos, em que a questão da autoria encontra-se latente. Também marcantes são a diversidade e a pluralidade das temáticas por eles abarcadas, bem como a possibilidade da interação com o seu leitor. Talvez até mesmo pela sua essência autoral, o *blog* (ou seu proprietário) anseia pela resposta de seus leitores, o que, quando ocorre, dá-se pela ferramenta “comentários” (ou algum termo próximo). Disso deriva a linha tênue que diferencia um *site* genuinamente denominado de relacionamentos, onde a rede social é exposta e marcada, de um espaço de conectividade a outros sujeitos de forma mais fluida e menos interligada.

Na esteira dos *blogs*, surgem seus “primos”, os *fotologs*. Estes, por sua vez, possuem proposta semelhante à dos *blogs*, porém seu foco não é a publicidade ou o compartilhamento de textos, mas, sim, o compartilhamento de fotos e imagens. Os laços que os unem, contudo, são fortes. Nossa afirmação sustenta-se em pesquisas empíricas que possibilitam a percepção de que a necessidade de compartilhar um discurso, uma mensagem, de mostrar-se no *ciberespaço* segue presente em ambos os modelos – alterando-se apenas a forma de sua representação. Cabe ressaltar que tanto os *blogs* quanto os *fotologs* oferecem, em sua ampla maioria, um espaço/ferramenta que possibilita a inclusão de *blogs* (*fotologs*) amigos, consolidando, ainda que de forma menos sólida, a ideia de um modelo de *site* de rede social. Conforme Recuero (2009, p.33), embora “essas interações não sejam mútuas, elas têm impacto social, já que têm também reflexos nos dois lados da relação comunicativa”.

Mais recente é a popularização de uma espécie de rede social minimizada (assim traduzida coloquialmente devido à limitação de que cada postagem realizada pelo usuário não ultrapasse 140 caracteres) ou do mais famoso dos microbloggers, o *Twitter*. O perfil do usuário é composto, basicamente, pelas mensagens que lhe são direcionadas por outros sujeitos habitantes do *ciberespaço*, os quais fazem uso do mesmo *site/serviço*. Segundo dados do próprio *site*, aproximadamente 175 milhões de usuários têm

uma conta do serviço ativada<sup>18</sup>. Um de seus grandes apelos é a instantaneidade da informação. Sua interface amigável permite até mesmo a usuários iniciantes compartilharem suas mensagens, sejam elas de maior ou menor interesse aos sujeitos. Outro fator a ser ressaltado quanto ao serviço oferecido pelo *site Twitter* é a sua inevitável superficialidade, visto que sua limitação de caracteres impede o compartilhamento de grandes textos ou até mesmo de notícias com maior densidade. Alguns jornalistas ao redor do mundo inclusive emitiram severas críticas à proposta do *Twitter* por entenderem que ele prejudicaria um jornalismo bem feito e aprofundado. O *site* supracitado também oferece pontos de conexão com outros *sites* de redes sociais de alta popularidade, dentre os quais se destaca o *Facebook*.

Originalmente denominado *The Facebook* e criado por estudantes da Universidade de Harvard (Estados Unidos da América), o *Facebook* tinha como proposta inicial conectar os alunos da referida instituição em um *site* de relacionamentos na internet. Contudo, seu sucesso logo forçou uma expansão para outras universidades do próprio país de origem, do Reino Unido e, em um terceiro momento, para todos os continentes. O *Facebook* é o *site* de redes sociais que mais se aproxima do Orkut quanto à sua concepção, aos seus recursos e aos seus objetivos. Recentemente, detalhes mais específicos de sua criação – e da disputa pelos direitos sobre o mesmo – foram supostamente revelados pelo filme *The Social Network* (“A Rede Social”, em português). Ressalta-se que o Orkut e o *Facebook* foram concebidos quase que simultaneamente, porém não são encontradas evidências de que um tenha se inspirado no projeto do outro.

Apenas a título de menção, outros *sites* classificados como exemplares de redes sociais de larga aceitação no ciberespaço são o *MySpace* (segmentado para músicos ou profissionais do meio artístico), o *Flickr* (uma espécie de fotolog ampliado) e o *LinkedIn* (também segmentado, concebido com o intuito de buscar colegas de profissão e ampliar os contatos profissionais do usuário). Dentre todos esses *sites*, contudo, apenas o Orkut apresenta espaço para a junção de sujeitos em torno de algum ponto de afinidade, sob a denominação de “comunidade”.

---

<sup>18</sup> Total mundial de usuários em de setembro de 2010.

### 4.3 – O Orkut

O *site* de relacionamentos Orkut, objeto-mor de nosso estudo, foi desenvolvido pela empresa de origem estadunidense Google, uma das gigantes da internet em todo o planeta. Mais precisamente, o *site* em questão foi originado por um de seus funcionários, em caráter quase experimental, o qual batizou a rede com seu primeiro nome. De origem turca, *Orkut Buykkuoten* acabou por criar, mais do que uma rede, praticamente um mundo à parte, com população, relações e espaços ditos virtuais, porém que acabam por reproduzir, ou até mesmo balizar, sujeitos, relações e espaços ditos reais. Segundo Couto e Rocha (2010, p.12), o *site* configura-se como “uma rede fascinante de invenção e exibição de subjetividades”.

Rivalidades e discussões, por vezes, são transportadas para o ambiente virtual em uma viagem sem escalas, com especial destaque para as questões que envolvem preferências musicais, que remetem a torcidas de futebol, ou ainda, ao local de moradia dos sujeitos.

O *site* Orkut teve o início de suas atividades a partir de 2004, mas tornou-se uma “febre” em nosso país especialmente a partir de 2006. Podemos inferir que a expansão do acesso à internet por meio de programas sociais, expansão das redes de conexão e extrema popularização e sucesso de estabelecimentos comerciais como *cyber cafés* e *lan houses* contribuíram nesse processo. Já a razão da preferência significativa do público nacional pelo *site* frente a outras redes sociais merece um estudo mais aprofundado, não constituindo-se, assim, em objeto desta pesquisa.

### 4.4 – Insira seu *login* e senha para continuar...

No início de suas atividades, o Orkut (Imagem 01) era um espaço para poucos. Até pela sua utilização em uma versão *beta*, de testes, sua expansão foi relativamente lenta nos primeiros meses. O ingresso na rede em questão apenas era permitido para os sortudos que recebiam não “um” convite, mas “o” convite para seu cadastramento. Com um e-mail do Gmail<sup>19</sup> ou uma conta do

---

<sup>19</sup> Serviço de correio eletrônico da Google Inc. Disponível em <http://www.gmail.com>.

Google<sup>20</sup> era possível ter acesso a este “passê” cobiçado pelos mais ávidos usuários de internet e de *sites* deste formato; bastando acessar o endereço correspondente e criar o seu próprio “eu”.



Imagem 01: Página de entrada/conexão do Orkut<sup>21</sup>

Fonte: *Site* Orkut (<http://www.orkut.com>)

Antes, contudo, na página inicial do *site*, juntamente com a solicitação do login e da senha do usuário para ingressar neste fragmento do mundo ciberespacial, uma pergunta, apresentada em letras grandes, como um slogan do *site*, inquietava ao menos um de seus usuários ( este que vos escreve): *Who do You Know?*<sup>22</sup>

E quem eu conhecia? Ao entrar na respectiva página, por incontáveis e repetidas vezes, me fiz essa pergunta. Mais do que isso: perguntava-se como eu as conhecia, como eu as via e se os sujeitos ali representados faziam jus a minha pré-concepção sobre cada um dos meus amigos na vida *off-line*, ali presentes por meio de um perfil. Assim, ao ler Segata (2008, p.46), identifiquei-me com o autor quando este compartilha sua inquietação:

<sup>20</sup> Cadastro de um “login” e uma senha junto à Google Inc. mediante a informação de alguns dados pessoais.

<sup>21</sup> Disponível em <<http://www.orkut.com>>.

<sup>22</sup> Em tradução do inglês para o português: *Quem você conhece?* Cabe destacar que o Orkut foi concebido originalmente na língua inglesa. No ano de 2005, foi disponibilizado em outros idiomas, dentre os quais, o português.

A pergunta me incomodava deveras, mas não exatamente em relação às pessoas que eu conhecia – próximos ou distantes, eu conhecia um número significativo de pessoas. Antes sim, o que me incomodava, era pôr-me em questão sobre por quem eu era conhecido.

Essa convergência entre o pensamento de Segata e deste que escreve dá-se pela existência de um mesmo questionamento: se tenho um bom número de amigos, por que levei tanto tempo para receber um convite para participar da rede? É necessário destacar que, pouco tempo depois de efetivamente ingressar na rede, cada membro do *site* recebia um número de convites a ser distribuído entre seus amigos.

Questionava-me, também, perante os insistentes pedidos de sujeitos participantes do Orkut para tornarem-se meus amigos, mesmo não os conhecendo até então. Alguns apresentavam fotos de uma menina de belos traços, outros eram representações de personagens intencionalmente mais caricatos, porém, comumente a todos, havia o desejo de ampliar a sua rede de relacionamentos, não apenas colecionando amigos, mas publicizando-os dentro da grande comunidade Orkut. Em determinado momento, o número de amigos (aqui, apenas uma contagem matemática, descontando-se qualquer laço de amizade ou proximidade) passa a ser considerado como um termômetro da popularidade do usuário, tornando-se uma espécie de Capital Social nesse espaço.

Ao conectar-me no *site*, outro detalhe que não passava despercebido era a seguinte mensagem de saudação: *Olá, Daniel, você está conectado a 89 milhões de pessoas por meio de 57 amigos*. E de que forma essa conexão processava-se, sendo que talvez nem mesmo aqueles 57 fossem considerados, por mim, amigos de fato?

Ressalta-se, ainda, que, quando do ingresso no *site* pela primeira vez, era preciso informar/construir o perfil do usuário. Ali, além da questão a ser respondida e publicada na rede - “*quem sou eu*” -, outras informações misturavam-se, tais como preferências musicais, culinárias, cinéfilas e tópicos mais objetivos (descrever se consome cigarros, se faz uso de bebidas alcoólicas), permitindo ao indivíduo moldar-se de uma maneira que julgasse a mais fidedigna ou conforme desejava ser visualizado pelos seus pares.

A possibilidade de assumir diferentes e simultâneas identidades é marca resultante desse processo de ingresso em uma rede social, da construção de um perfil e, implicitamente, de como o sujeito mostrar-se-á aos outros – processo, este, que se consolida também pelas escolhas das comunidades às quais o sujeito ingressa enquanto usuário do *site*.

Tais comunidades ocupam lugar de destaque na visualização do perfil de um usuário do Orkut (Imagem 02) e ajudam a consolidar a imagem que este sujeito deseja que os outros consumam, emitindo seu juízo acerca dela.

orkut - Perfil de Cumpadi

www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=803818072787338668

orkut | página inicial | perfil | página de recados | amigos | comunidades | teste o novo orkut! | daniel... | Seir | buscar no orkut

**Cumpadi Óla**

Daniel > Cumpadi

scraps 68 | fotos 0 | fotos com ele 0 | vídeos 0 | arquivos 6

quem sou eu: Um fake também sofre...

idade: 50

aniversário: 1 abril

local: Manágua  
Nicarágua

relacionamento: casado(a)

[ver perfil inteiro >>](#)

**depoimentos dele**

**Henrique:** Eu só tenho a agradecer a esse cumpadi. É uma das poucas pessoas que conheço que posso, verdadeiramente, chamar de amigo e com quem eu posso contar seja qual for a situação. Já te falei isso uma vez e vou repetir aqui. Eu agradeço a ti pela tua amizade e por, junto do pessoal, terem me acolhido, realmente, este ano. Sei que com tua ajuda eu melhorei muito e fico muito feliz por isso. Valeu cumpadi

**Stefan:** Esse seu Cumpadi... ele sempre foi o mais cumpadre da turma. Um grande conhecedor da história do Sr. Dr. Londrina, o qual nos apresentou ao não menos famoso Gandhi, Gandhi Simon! Seu Cumpadi é também um grande admirador de futebol. Além de ser o melhor arqueiro da geografia, é também o passador oficial dos uniformes do glorioso Padiola F.C. O que o torna, justamente, o cartola-mor do clube com 33,34% das ações. Esse seu Cumpadi é um dos amigos do peito e com cerveja um cara em quem eu me espelho muito. Um grande abraço cara! E como já diria o sábio Mano Ice: o negócio é nós drumi cum um olho aberto e otro fechado que os mano tão na cola tá ligado?

**Rafael:** Esse é meu cumpadre cumpadi. Um ser bacana, inteligente e

**promoção**

**ADOTE UM ANIMAL**  
Divulgue a adoção e o cuidado aos animais.

1 amigo promoveu isso:  
Thamy  
legal, promova!

Tania

crie a sua

**amigos (8)**

Daniel | Fernando | Henrique

Rafael | Ronaldo | Tanner

Stefan | Marquito

Imagem 02: Perfil de um usuário do *site* Orkut<sup>23</sup>

Fonte: *Site* Orkut

<sup>23</sup> O perfil em questão corresponde ao de um usuário *fake* (ou falso), controlado pelo autor desta pesquisa. Os sujeitos cujos nomes e fotos constam na respectiva imagem autorizaram, por escrito, a sua utilização.

É relevante destacar que, mesmo em um espaço ciberizado, o sentimento de pertencimento é inerente à condição humana. O agrupamento acaba por transmitir uma espécie de conforto, de segurança e de aceitação por um determinado número de pares; o que, por vezes, auxilia na reafirmação das posições que levam os sujeitos a aderirem a determinado grupo, ou, ao menos, a terem motivação de integrá-lo.

Recorrendo à ideia de Maffesoli (1998) sobre a emergência das neo-tribos e sua necessidade de agrupamento, temos, então, um cenário onde o sujeito constitui e reconstitui sua identidade também por meio de escolhas publicizadas perante seus amigos, os quais significam, nada mais, nada menos, que a sua própria rede social na internet.

Outro fator que não podemos deixar de mencionar é a *página de recados*, ou o *scrapbook*, em inglês - palavra popular no ambiente do *site*, devido aos tempos em que a única versão disponível do Orkut era oferecida ao usuário nesse idioma. Conhecidos como *scraps*, os recados trocados pelos orkuteiros consistiam em outra variante do fluido capital social neste recorte, de modo que ter mais recados significava maior popularidade. Ainda nos meus tempos de usuário iniciante do *site*, lembro de diversos 'pedidos' de pessoas próximas a mim para que eu preferisse os recados no Orkut à outras formas de comunicação, apenas para ficar com um *scrapbook* maior.

Essa ode ao voyeurismo e à necessidade de parecer popular são produtos diretos de uma condição pós-moderna, que não concede ao indivíduo sequer o direito de pensar que possa estar caindo no esquecimento de seus pares. Afinal, isso o colocaria na pilha dos descartáveis, condição ao mesmo tempo tão comum e tão repelida na "vida líquida", discutida por Bauman (2007b), em que o sujeito teme ser colocado nos "horrores da pilha de lixo". Essa super-exposição é corroborada pela possibilidade que o *site* fornece de que o usuário inclua fotos e imagens no seu perfil.

Outros dados que o *site* em questão nos solicita para efetivação do cadastro são elementos que influenciam em maior ou menor grau esta análise, tais como religião e orientação sexual, que, por vezes, acabam reafirmados pelas fotos ou pelas próprias escolhas das comunidades (Imagem 03) às quais este sujeito decide pertencer.



Imagem 03: Relação (parcial) das comunidades de um membro do Orkut<sup>24</sup>

Fonte: Site Orkut

#### 4.4.1 – O Orkut no Brasil e no mundo

Outro dado de alta relevância, em recente estudo<sup>25</sup> realizado pela empresa *comScore.Inco* (2011), indica que 90% dos usuários do Orkut estão no Brasil. A pesquisa chega, ainda, a mencionar que “se não fosse o Brasil, é bem possível que o Orkut nem existisse em 2011”.

<sup>24</sup> Visualização parcial das comunidades após clicar em área específica do perfil em questão. Sobre o usuário correspondente a esta imagem, ver nota de rodapé nº 24.

<sup>25</sup> Resumo da pesquisa pode ser encontrado em <<http://tecnologia.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2011/02/09/facebook-ameaca-lideranca-do-orkut-ao-triplicar-crescimento-em-acesso-no-brasil.jhtm>>. Acessado em 19 de fevereiro de 2011.

Atualmente, as mesmas pesquisas aqui citadas indicam que o Orkut apresenta um quadro de crescimento apenas moderado no Brasil: 28% de aumento no número de usuários cadastrados na comparação realizada entre os meses de dezembro de 2009 e dezembro de 2010. Por outro lado, seu principal concorrente, o *Facebook*, demonstra uma expansão bastante significativa (258%), se considerado o mesmo período de análise.

Apesar desse cenário em que as estatísticas apresentam-se pouco favoráveis, o Orkut ainda vislumbra, no Brasil, um solo fértil para sua plataforma e proposta (Imagem 04). Ao mesmo tempo, a sua penetração em mercados de maior relevância, como países da União Europeia, é ínfima, sendo que sua densidade, nos Estados Unidos (o principal mercado do *Facebook*), não atinge nem mesmo a casa dos 20%.



Imagem 04: Procedência dos usuários do Orkut<sup>26</sup>

Fonte: *Site Orkut*

Ainda que aceitemos que tais estatísticas não são plenamente confiáveis, visto que são baseadas em uma simples declaração do próprio usuário ao compor o seu perfil, pode-se aceitá-las como próximas à realidade.

<sup>26</sup> Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main#MembersAll>>, mediante *login*. Acessado em 02 de março de 2011.

Sobre isso, destaca-se uma recente explosão de usuários que, mesmo residindo nos mais diversos países, declararam a longínqua Estônia como seu país de origem após o Google supostamente declarar que as inovações do Orkut eram sempre disponibilizadas em caráter experimental para os usuários estônios.

#### 4.4.2 – E quem são os “Orkuteiros”?

Se fôssemos responder à pergunta proposta neste subtítulo, da forma mais sucinta possível, a resposta seria, invariavelmente: os jovens (Imagem 05).

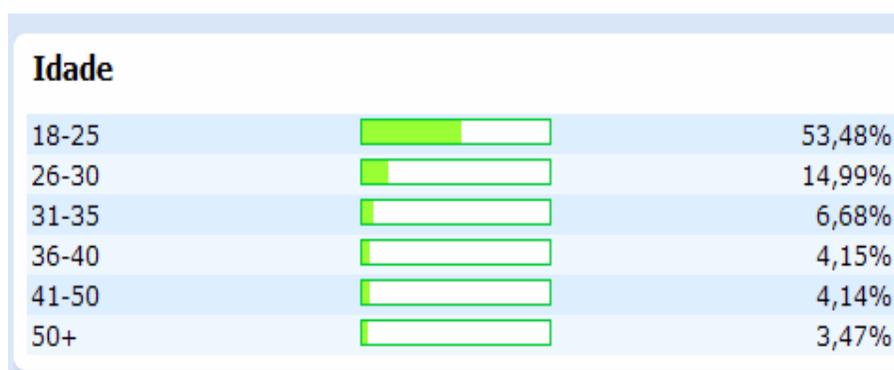


Imagem 05: Classificação etária dos usuários do Orkut<sup>27</sup>

Fonte: Site Orkut

O conceito de juventude é construído histórica e culturalmente. A discussão sobre *quem é jovem* e *quem é o jovem* é cíclica, não possuindo um fim em si mesma.

Todavia, a ciência não se priva de discutir o conceito de jovens/juventudes sob diferentes perspectivas. Duas das mais aceitas tratam da derivação destes conceitos, vinculando-os, em maior ou menor proporção, a aspectos biológicos/naturais ou a aspectos culturais. Borelli *et al.*(2010, p.39) afirmam que uma das abordagens reforça características biológicas e insere o jovem em uma faixa dita natural de transição e passagem da infância para a condição adulta:

<sup>27</sup> Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main#MembersAll>>, mediante *login*. Acessado em 02 de março de 2011.

O que nela se reitera é a noção de juventude vinculada à faixa etária, às transformações do corpo, à sexualidade, ao reino da natureza. Estes pressupostos podem ser encontrados, por exemplo, em reflexões de parte dos campos da Pedagogia e da Psicologia e têm sua origem atribuída a Hall (1970).

Uma espécie de contra-corrente dentro dos estudos da juventude oferece críticas relevantes a tais abordagens, trabalhando de maneira mais específica com “jovens territorializados em grupos particulares e situados em condições históricas demarcadas” (BORELLI *et al.*, 2010, p. 40). Essa perspectiva busca romper com um uso exclusivo de lentes universalistas quando são realizados estudos sobre a condição juvenil, investigando, assim, respostas para junções específicas de jovens e sua respectiva inserção em distintas esferas sociais e/ou culturais. O pesquisador Carles Feixa é um dos expoentes desta corrente de pensamento.

Apesar de alguns antagonismos, contudo, ainda assim existe a possibilidade de diálogo entre tais correntes com o objetivo de não adotar um conceito reducionista da condição jovem/juvenil, tratando-a apenas como uma etapa puramente pautada pela faixa etária do sujeito. E sim, especialmente quando tratamos de um conceito mais fechado do que é o jovem na contemporaneidade aceitá-la como resultante de um ator social que ocupa, produz, significa e pensa o próprio espaço, dá vazão a seus próprios discursos, e não se pauta apenas pela condição que não desfruta, ou seja, pela ausência dos elementos que o tornariam um adulto ou uma criança. É deste lugar que passamos a falar sobre o jovem.

Dito isso, procuramos apresentar um pouco da representatividade destes sujeitos frente ao total da população, recorrendo aos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios/PNAD (2007). Segundo essa pesquisa, 34 milhões de habitantes formam a população jovem/juvenil do país (aqui classificada como os sujeitos entre 15 e 24 anos de idade), o que indica uma parcela de 18% da população total do país (estimada pela pesquisa em, aproximadamente, 190 milhões).

Essa população jovem também é abordada por outra pesquisa de abrangência relevante, o *Dossiê Jovem*, realizada pela *Music Television* (ou simplesmente MTV). Em sua versão de 2008, a pesquisa trouxe à tona que o acesso dos jovens à internet, nos então últimos quatro anos, cresceu de 66%

para 86%, sendo que 55% destes usuários juvenis conectavam-se à rede fora de seus domicílios. No tópico relativo à utilização que faziam dessa ferramenta, o acesso ao *site* Orkut (83%) estava atrás apenas do seu uso para envio e recebimento de e-mails, com ínfima margem de diferença.

Quando trabalhamos com um suposto conceito de juventude, não temos a intenção, aqui, de impor limites fixos para essa, mas, sim, o intento de trabalhar com o jovem na sua condição desigual, mesmo entre supostos indivíduos iguais.

A desigualdade reflete-se no acesso ao mercado de trabalho, no acesso à educação de qualidade, no acesso à moradia, e, até mesmo, no acesso à internet, apesar da crescente popularização de equipamentos requeridos para a conexão ao ciberespaço. Todavia, essa falta de equidade mostra-se mais frágil quando se trata do nível de relacionamento e de interesse por tais tecnologias. Segundo Borelli *et al.* (2010, p.56),

Os jovens de diferentes inserções e classes sociais mantêm um íntimo relacionamento com as novas tecnologias da informação – mídias e suportes como aparelhos de televisão, microcomputadores, celulares, ipods, iPhones, MP3, Internet, entre outros – que fazem parte do cotidiano juvenil e passam a construir quase uma extensão de sua corporeidade.

Essa diferença na compra e no consumo das novas tecnologias força e, ao mesmo tempo, propicia um quadro convidativo à adaptação dos jovens à sua real possibilidade de acesso a elas. Assim, uma das constatações da pesquisa Dossiê MTV, já na sua versão 2010, é de que

A tecnologia da informação, em especial com o advento da internet, diminui as distâncias entre os jovens no sentido de que, hoje, eles têm as mesmas referências e sonham em consumir as mesmas coisas. O que varia é o poder de realização desses sonhos, conforme a classe social. Um dos maiores desejos do grupo pesquisado é o de ter um computador – ou trocar o atual por um melhor. Dito isso, enquanto um jovem da classe C quer ter seu primeiro computador com acesso à internet, um jovem da classe B sonha em trocar seu desktop por um notebook, ao passo que um jovem da classe A pensa em migrar do notebook para um tablet com tecnologia touchscreen.

Os jovens aqui citados são majoritariamente os responsáveis pelas ações, pelos discursos e pelo povoamento desta porção do espaço cibernético. Pesquisas reportam que estes jovens, público-alvo em especial dos *sites* de relacionamentos sociais deste modelo, sofrem com algo muito abstrato e, ao mesmo tempo, tão concreto e palpável: o medo. Medo, em especial, do desemprego, da violência, da morte e o genérico medo do futuro. Aqui, encaixam-se “os sentimentos de uma geração que se defronta com um mercado de trabalho restritivo e mutante” (NOVAES, 2009, p.110). Os jovens dessa geração também possuem algumas características marcantes e coletivas, estando, como destacam Borelli *et al.* (2010), entrelaçados pelo sentido de urgência, destemor, ousadia e desassossego, pela ausência de esperança, desemprego e consumo inviabilizado.

Esses jovens são, ainda, resultantes de um processo de hibridização de identidades, por meio do qual cada um assume-se conforme suas vontades, seus desejos, seus anseios e sua necessidade de ser reconhecido e aceito pelo grupo, seja ele qual for. Esta velocidade na recomposição e sobreposição das suas marcas é ressaltada por Hall (2004, p. 75):

Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. Foi a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, que contribuiu para esse efeito de “supermercado cultural”.

É este jovem que utiliza o Orkut, fazendo dele mais um espaço para que sua(s) identidade(s) consolide(m)-se e publicize(m)-se para uma incalculável rede de sujeitos. Logo, essas identidades não ficam restritas ao ciberespaço, mas interagem, consomem e constroem-se cotidianamente, por meio de suas relações, as quais perpassam os mundos *on* e *off line*.

#### **4.4.3 As identidades dos jovens orkuteiros na pós-modernidade**

Em uma pós-modernidade, em que, segundo Bauman (2007b), ser identificado de modo inflexível e sem alternativa é algo cada vez mais mal-

visto, o Orkut é uma amostra generosa deste cruzamento e sobreposição de posições e marcas identitárias que pautam a vida no ciberespaço e fora dele.

Assim, torna-se importante compreender que as identidades demarcadas pelos jovens (ou pelos usuários em geral do Orkut) são um produto volátil e que sofrem mutação conforme a conveniência e a necessidade de ser visto pelo coletivo, pelo seu grupo ou até por um sujeito específico. Bauman (2007b, p.26) nos diz:

Paradoxalmente, a “individualidade” se refere ao “espírito de grupo” e precisa ser imposta por um aglomerado. Ser um indivíduo significa ser igual a todos no grupo – na verdade, idêntico aos demais. Sob tais circunstâncias, quando a individualidade é um “imperativo universal”, e a condição de todos, o único ato que o faria diferente, e portanto genuinamente individual, seria tentar – de modo desconcertante e surpreendente – não ser um indivíduo.

Contudo, as representações presentes no Orkut refletem as – ao mesmo tempo em que sofrem os reflexos das – marcas dos sujeitos em um mundo *off-line*.

Como diz Woodward (2008, p.33),

Toda prática social é simbolicamente marcada. As identidades são diversas e cambiantes, tanto nos contextos sociais nos quais elas são vividas quanto nos sistemas simbólicos por meio dos quais damos sentido a nossas próprias posições.

Dessa forma, o simples ato de conhecer novos sujeitos, novos espaços, pode acabar por despertar/estimular a fluidez inerente à condição juvenil na pós-modernidade, e isso vale, inclusive, para a identificação (ou não) com o seu bairro de vivência, de moradia ou aonde se vai em busca de lazer e entretenimento.

As identidades partilhadas – remetemo-nos a Hall uma vez mais – apresentam-se mais latentes e permitem que um *orkuteiro* participe simultaneamente de comunidades que, em um primeiro momento, não possuem uma ligação aparente entre si, ou até mesmo de bairros distintos (para ficar no âmbito de nossa pesquisa), sem que isso configure uma contradição. Cada um desses locais tende a possuir uma importância para o

respectivo sujeito, e, mais do que isto, mostra-se um reflexo das múltiplas “lugarizações” que este se permite e se concede, não importando, aqui, a esfera (*on ou off-line*) onde se dá a sua atuação enquanto ator social, e especialmente, enquanto jovem.

Tal quadro contribui para a percepção de que as formas e posições identitárias no ciberespaço apresentam-se de uma forma nômade, plural, convidando o sujeito a experimentar seus vários “eus” fluidos e, geralmente, temporários. Seja pela adesão a uma comunidade, pela opção em exibir determinada imagem em seu perfil ou, até mesmo, pela tipificação da linguagem empregada em sua descrição, o sujeito reconstrói-se - ao menos na(s) posição(ões) que pretende adotar e demarcar perante aos outros e, até, a si próprio. Nesse espaço, um indivíduo tem a oportunidade de experimentar ser várias pessoas com características - inclusive físicas - completamente diferentes das que realmente possui, o que não costuma acontecer com o eu *off-line* (COUTO & ROCHA, 2010).

A possibilidade de experimentar novas identidades (e, até, em alguns casos, uma espécie de vida paralela<sup>28</sup>) está ofertada aos jovens também por meio de redes sociais e comunidades virtuais. Nesse sentido, o *site* Orkut oferece um amplo espectro de possibilidades para o seu desenvolvimento e sua permanente reconfiguração.

---

<sup>28</sup> Muito bem exemplificada pelo *Second Life*, uma espécie de ambiente virtual que permite uma ‘simulação’ do cotidiano do usuário. Muitos de seus analistas consideram-no também como uma Rede Social da Internet.

## 5. AS COMUNIDADES E A CIDADE BAIXA

*As interações que ocorrem por meio da internet estão possibilitando a formação de grupos sociais com características comunitárias.*

(BARCELOS *et. al.*, 2010)

### 5.1 A comunidade enquanto território virtual

O Orkut, enquanto *site* de rede social, é, notadamente, um fenômeno de aceitação entre o público usuário de internet, com especial destaque entre os jovens brasileiros, como discorreremos nos capítulos anteriores.

Pode-se dizer que as escolhas das pessoas definem os contornos das identidades que estas desejam assumir para si e para os outros. O conjunto de informações a ser compartilhada no Orkut, tal como imagens, opção política, religião, idiomas que domina, fotos etc, é imprescindível para o desenvolvimento de um sentimento de pertencimento, de ser senhor de um espaço individual ou compartilhado, ou para a ideia de identidade. Assim, como diria Silveira (2006 apud COUTO & ROCHA, 2010), essas informações “são os rótulos que escolhemos para dizer quem somos”.

Um dos elementos que apresenta papel fulcral nesse processo atende pelo nome de comunidade. As comunidades, em um mundo dito *off-line*, são assim definidas por Bauman (2003, p.7):

A comunidade é um lugar “cálido”, um lugar confortável e aconchegante. É como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado.

Esse local ultrapassa o campo semântico da palavra que o designa, representando uma soma de sensações, de sentimentos. Assim a comunidade

do Orkut representa um protótipo, em versão ciberizada, de uma comunidade no mundo dito *off-line*.

Nesse sentido, conforme Recuero (2009), a comunidade virtual (assim definida pela autora em questão) é uma característica das redes sociais da internet, ao mesmo tempo em que as compõem. As comunidades apresentadas pelo *site* congregam sujeitos - nem sempre reais, como veremos mais adiante - por afinidades, escolhas, grupos, desejos, discursos e motivações das mais distintas possíveis.

Recorrendo à ideia de Maffesoli (2003) sobre a emergência das neotribos e sua necessidade de agrupamento, ou à de Bauman (resgatada por Segata, 2008) de que as comunidades referem-se muito mais a uma sensação do que a uma significação: lugares confortáveis e aconchegantes constituidores de laços que ligavam os participantes em nós de diversas qualidades, nas redes do Orkut, temos o substantivo (e suas significações implícitas) comunidade sendo contextualizado no universo *on-line*.

O início de um agrupamento dá-se por um usuário regularmente cadastrado no Orkut, que escolhe um título, uma descrição, uma imagem que ilustre a ideia central da comunidade e a sua categorização frente às opções disponibilizadas pelo próprio administrador do *site*, com o intuito de facilitar a sua busca pelos demais usuários.

Essas comunidades oferecem, por sua vez, a possibilidade de serem privativas e passíveis de ingresso apenas mediante convite do proprietário, tornando-as uma espécie de enclave em um espaço pautado pela fluidez no tráfego e na troca, seja ela qual for. Oferecem, também, a opção por conservá-las abertas (denominação proposta pelo *site*), tornando-as públicas, com ingresso e postagens que não necessitam da prévia autorização de um proprietário, mediador ou afim.

As premissas acima mencionadas e a configuração desse espaço refletir-se-ão diretamente nas relações de poder ali presentes, as quais podem manifestar-se da maneira mais diversa possível. Podemos considerar que o próprio ingresso em uma comunidade, por um desejo pessoal e intransferível, acaba por refletir uma espécie de acordo tácito, em que, mesmo que não haja uma verbalização, o indivíduo recém-chegado tende a buscar uma ambientação antes de apresentar uma manifestação mais ativa e visível nesse

local. Uma relação poderosa passa pelo consentimento do sujeito, e o aval para o seu início dá-se, implícita e veladamente, no momento da sua junção a uma comunidade que tem um fundador, que tem um proprietário, e que possui a condição, até mesmo, de apresentar alguns moderadores.

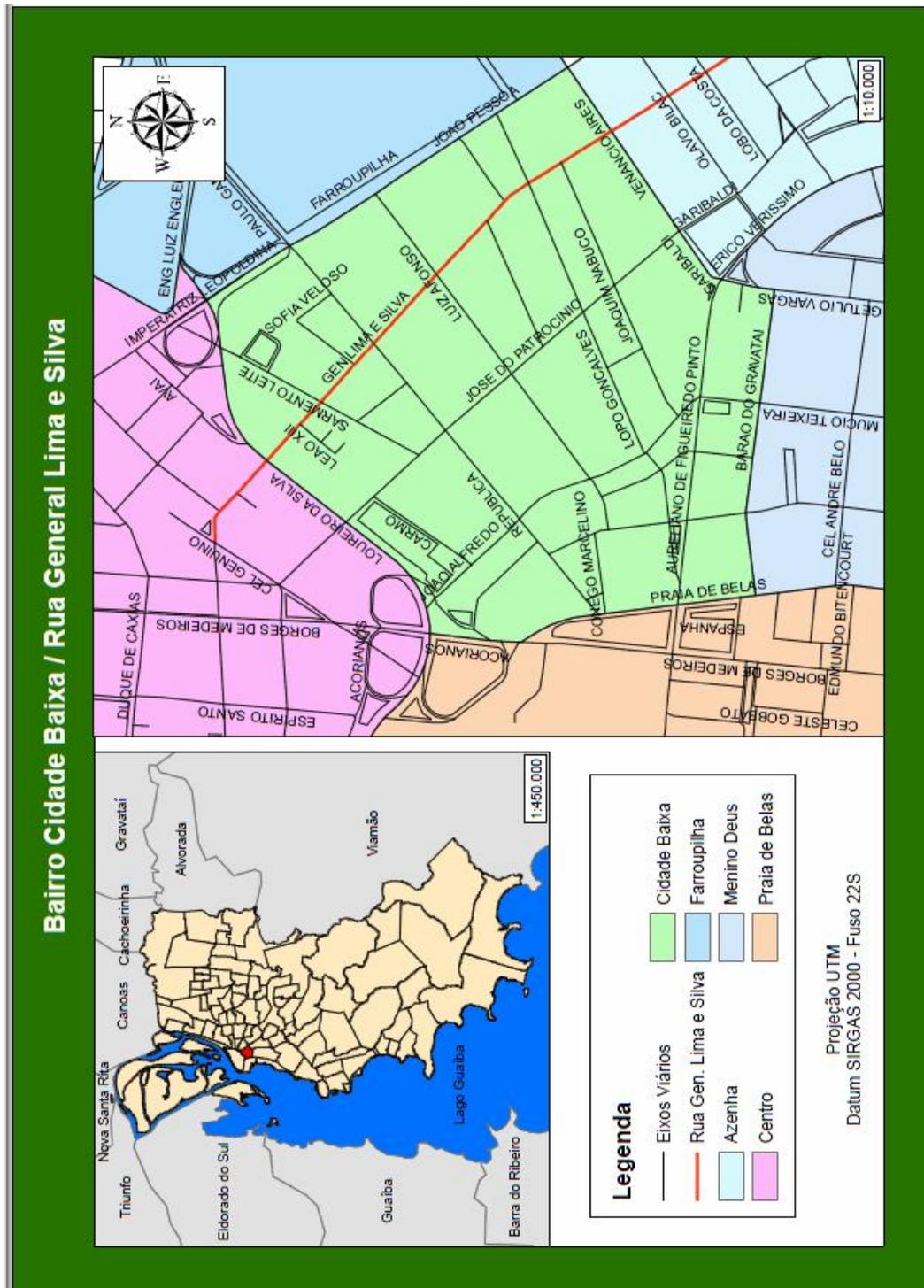
## **5.2 – Novo tópico: sobre a comunidade Cidade Baixa**

Deve-se deixar claro ao leitor desta pesquisa que, independentemente de onde recaísse nossa escolha enquanto recorte espacial dentro dos prévios recortes realizados (ciberespaço>Orkut>comunidade), jamais pensamos em aferir qualquer espécie de verdade absoluta sobre algum dos temas/conceitos aqui trabalhados.

Destaque-se, ainda, que, normalmente, os sujeitos presentes no Orkut não pertencem a apenas uma comunidade. Para ilustrar tal quadro, fiz a soma de todas as comunidades das quais meus amigos, neste *site* de redes sociais, fazem parte para verificar a relação número de comunidades/por sujeito. Ainda que a amostra seja pouco representativa (195 pessoas), chega-se a um número médio de 58 comunidades/sujeito.

Mencionamos, por fim, que nossa intenção inicial – apresentada inclusive quando da apresentação de nosso exame de qualificação – era trabalhar com comunidades *orkutianas* de quatro bairros distintos da cidade de Porto Alegre, visando contemplar as grandes regiões do município em questão. No entanto, com base nas sugestões da banca de qualificação e de minha orientadora, visando tornar esta pesquisa mais focada e menos aberta, abandonamos essa ideia.

Dito isso, adentramos nas razões que nos levam a problematizar as identidades juvenis neste território específico da Cidade Baixa (vide mapa 01). Nosso recorte justifica-se por ser este o bairro um conhecido ponto de encontro de jovens das mais diferentes tribos, turmas ou grupos da cidade, os quais buscam um ponto para se lugarizar, contradizendo em parte o discurso latente de uma pós-modernidade que apresenta o descentramento do sujeito frente a territórios bem definidos.



Mapa 01 – O Bairro Cidade Baixa e a Rua Lima e Silva<sup>29</sup>

Autores: DE CONTO, Henrique e VALLERIUS, Daniel.

<sup>29</sup> Informações utilizadas para a confecção do mapa estão disponíveis em [http://www.ecologia.ufrgs.br/labgeo/arquivos/downloads/dados/Diagnostico\\_Ambiental\\_POA/cd](http://www.ecologia.ufrgs.br/labgeo/arquivos/downloads/dados/Diagnostico_Ambiental_POA/cd)  
Acesso em 19 de junho de 2011.

Talvez o bairro Cidade Baixa seja exatamente um lócus de encontro não apenas do sujeito único, mas, sim, do próprio descentramento desses sujeitos. Essa nossa afirmação baseia-se na diversidade de posturas, ações, posições, preferências e intenções que coexistem de forma relativamente pacífica entre as ruas e calçadas desta porção de território da capital gaúcha. Trata-se de um reduto de incontáveis bares, casas noturnas, entre outras opções de diversão, majoritariamente voltadas a jovens e para adeptos de distintos tipos de música, de distintas preferências gastronômicas. Ruas como a General Lima e Silva, a Rua da República e a rua João Alfredo, dentre outras passíveis de citação, trazem, entremeada em seu asfalto e em seus paralelepípedos, a marca da diversidade.

Destaque-se que analisaremos, além da comunidade relativa ao bairro em si, um outro destes redutos virtuais, diretamente vinculado a uma das ruas recém-citadas: e chamada *Lima e Silva POA*, que possui quase o dobro do número de membros do que sua correlata no bairro em que se localiza (Tabela 02).

	Membros inscritos	Fundação	Comunidades semelhantes
<i>Cidade Baixa – Porto Alegre</i>	10.411	27/06/2004	02
<i>Lima e Silva – Poa</i>	17.232	13/04/2004	01

Tabela 02: Dados básicos sobre as comunidades do Orkut<sup>30</sup>.

Fonte: levantamento do autor, junho/2011.

Percebe-se que a pluralidade (ainda que, por vezes, o que exista é uma heterogeneidade segmentada<sup>31</sup>) faz-se presente na região em questão quando

<sup>30</sup> As comunidades aqui traduzidas como semelhantes são aquelas que possuem nome e/ou descrição com alto índice de similaridade com as comunidades aqui listadas. Excluem-se desta contabilidade: a) comunidades com vinculação direta a algum fixo de referência, como *Escola Rio de Janeiro, Cidade Baixa, POA*; b) comunidades com número de membros inferior a cem (100).

<sup>31</sup> Pensamos em cunhar este termo para salientar a existência de locais específicos para a diversão de pessoas com determinada opção sexual, música de predileção e classes sociais pré-estabelecidas, que coexistem e partilham da mesma estrutura urbana e da proximidade geográfica, porém que pouco ou nada conversam ou que não estão de alguma forma conectadas e/ou dependentes, em maior ou menor escala, umas das outras.

temos locais que aceitam receber jovens de todas as tribos sob a mesma oferta de diversão.

Além dos atrativos já citados, o bairro configura-se como um ponto de convergência para sujeitos de vários outros locais, sejam estes outros bairros, outras regiões da cidade, ou, até mesmo, outros municípios da região metropolitana de Porto Alegre. O estar na *Cidade Baixa* não apenas configura-se como um reflexo de busca por entretenimento, mas, também, de oportunidade de ver e ser visto, de conhecer novas pessoas, possivelmente, com algum ponto em comum com o sujeito que lá mora/frequenta.

Assim, os atos de ser percebido, de conectar-se a pessoas com pontos ou interesses em comum, ou apenas a possibilidade de mostrar-se em condições de consumir este modelo de entretenimento socialmente bem visto mostram-se semelhantes ao ato de frequentar o local real, *off-line*. Mostrar-se pertencente a determinado lugar por vontade e iniciativa próprias do sujeito compõem tanto a comunidade virtual quanto a real. Tratam-se de ações semelhantes, embora em esferas distintas, as quais retratam a necessidade de pertencimento e de constituição de identidades em uma sociedade pós-moderna – o que contribui para justificar o sucesso das redes sociais.

### **5.3 – Personagens *On* ou *Off line*?**

Muitos dos sujeitos representados nas comunidades do Orkut com as quais estamos trabalhando são também atuantes no respectivo bairro, na sua esfera *off-line*. Residem, trabalham, estudam na Cidade Baixa ou nas suas redondezas. Contudo, tomando por base os números constantes em uma das tabelas apresentadas na sequência desta pesquisa, e tendo já aferido – inclusive empiricamente – que boa parte dos sujeitos que produzem o espaço das comunidades *on-line* em questão não são exatamente sujeitos que participam do cotidiano do bairro, como transcorrem essas relações?

Para uma melhor compreensão, separamos os atores sociais do bairro Cidade Baixa em duas amplas categorias: os moradores e os comerciantes. Temos, aqui, não um foco de tensão, mas de expectativas divergentes. Ao passo que possivelmente o morador do bairro prefere uma movimentação mais

tranquila (tanto de veículos automotores quanto de pessoas) nas cercanias de sua residência, quem depende das vendas e do incremento de seu ponto comercial para obter o sustento apregoa a popularização e o fortalecimento da imagem do bairro como um dos principais redutos de diversão, lazer e consumo da cidade de Porto Alegre, estimulando um processo de deslocamento de pessoas oriundas dos mais diferentes lugares que acabam por convergir para a Cidade Baixa.

Dentro das comunidades do Orkut em questão, os pontos de divergência entre os diferentes interesses manifestados são atenuados pela quase total aceitação dos membros das comunidades ao estilo majoritário de comércio do bairro, tornando-se, inclusive, em boa parte dos casos, clientes destes. Aproveitam-se, ainda, do poder das redes sociais para trocarem impressões sobre quais os melhores bares, casas noturnas e afins para divertirem-se.

Conflitos mais recentes, como a polêmica de estabelecimento de horários para fechamento dos bares e pela revogação do direito de utilização das calçadas dos estabelecimentos para a colocação de mesas, foram debatidos de forma acalorada na internet, com especial enfoque na comunidade referente à Avenida Lima e Silva, possivelmente uma das vias mais afetadas com tais resoluções.

#### **5.4 Identidades que se entrelaçam**

A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes (SILVA, 2008, p.81)

As comunidades que estamos avaliando são compostas, majoritariamente, por jovens de classes sociais distintas, que possuem locais de moradia também diversos, apresentam níveis de escolaridade não homogêneos e que professam as mais dissociadas espécies de crenças.

Todavia, sob a égide de uma mesma comunidade, encontram-se pontos de convergência, de entrelaçamento de sujeitos e de (ao menos algumas) identidades.

Dito isso, ressaltamos que, a partir do momento em que desenvolvemos uma pesquisa em um bairro que se apresenta e se vende como um reduto da boemia da capital gaúcha, temos a expectativa inicial de que locais voltados a diversões tradicionalmente mais apreciadas no período noturno, tais como bares, cafés e espaços de festas acabem por mostrarem-se importantes espaços em nossa análise. Iniciamos essa discussão apresentando os eixos de conexão que unem – ou distanciam – os sujeitos ali presentes, conforme o nível de seu aparecimento e de sua visualização pelo sujeito-pesquisador.

Indubitavelmente, o foco principal de atenções e de posições assumidas nas comunidades analisadas dizem respeito a escolhas voltadas para a diversão, o lazer, especialmente o lazer noturno, aqui representado por bares, baladas e similares. O tópico mais frequentado (em número de postagens unitárias) da comunidade *Cidade Baixa Poa*, com mais de 250 *scraps*, pergunta, *ipsis litteris*,: “Qual é o seu local preferido na Cidade Baixa”?

Apenas com esse tópico já percebemos a infinidade de distinções que pode haver nas preferências desses sujeitos e a tendência a uma convergência de atribuir respostas vinculadas diretamente a determinados estabelecimentos. Alguns especificam o nome de tais locais, outros são mais genéricos, ainda que remetam, invariavelmente, à busca por determinados elementos, como cerveja, música, comida, festa (ou a combinação/soma destes). É, no mínimo, interessante destacar que quase todas as respostas fazem menção a estabelecimentos comerciais. Nada espantoso para Hall (2004, p.75), que aborda a desconexão dos referenciais identitários fixos, afirmando estarem estes mais próximos de locais de passagem, de elementos de consumo, e longe das instituições ditas tradicionais, tornando-se ainda mais fluidos:

quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas de tempos, lugares histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”.

Trazemos, na tabela 03, alguns exemplos de respostas para o questionamento anteriormente mencionado - *Qual é o seu local preferido na Cidade Baixa?*.

<b>Comunidade Cidade Baixa – Porto Alegre</b>		
Membro	Resposta	Categoria do local citado
Rui	<i>Ossip, Pychulin, Dam e Villa</i>	Bares/casas noturnas
Ângela	<i>adoro tomar uma ceva bem gelada e barata na padaria da João Alfredo e também curto o margem bar que é ao lado</i>	Padaria e bar
Gustavo	<i>Cavanhas, pingüim, ossip..</i>	Bares/Casas noturnas
Rogerito	<i>Cachorro do Elio Ótimo cachorro, ceva barata!</i>	Banca de cachorro quente
Gaby	<i>Baaah, mtos lugares! Bodega, Be Happy, Só Comes, Pedrini, Joaquim, Tipo Exportação, Estação Beirute, Copão... Élio tbm e Jóia Sorvetes (MENTA ótiimo). o bairro todo eh ótimo, opções para todos os gostos!</i>	Bares/Casas Noturnas

Tabela 03: Postagens sobre o local preferido na Cidade Baixa

Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=121471>, 2011.

Obviamente, essa é uma pequena amostragem frente ao número total de postagens/respostas ao respectivo tópico (aproximadamente 260 postagens no início de março de 2011). Todavia, as respostas aqui destacadas – escolhidas em caráter aleatório – permitem-nos apontar a predileção por locais de caráter notívago, e que não necessariamente buscam suprir as necessidades exclusivamente dos moradores do bairro, mas, sim, que – especialmente em sua junção – se configuram como um espaço de atração de indivíduos e sujeitos de distintas origens.

Também merece destaque a quase ausência de tópicos relativos a escolas e/ou torcidas de futebol, corriqueiramente presentes em quase a

totalidade das comunidades do Orkut. Ao passo que tópicos, menos rentáveis em número de respostas, como *procura-se um cachorro*, ou postagens com caráter comercial (anúncios de todas as espécies) compõem um cenário um tanto diferente do que um membro ativo do respectivo *site* espera encontrar em uma comunidade desse porte.

A Cidade Baixa é rica em espaços que possibilitam a interação entre pessoas de todos os gêneros. Apresenta, em suas ruas, um comércio forte e com ênfase na gastronomia e na diversão noturna, além de locais que propiciam um desfile dos atores sociais e seus grupos. O ato de ver e ser visto é permitido, assim, em diversos espaços e no entorno destes (é comum encontrar grupos de pessoas que se reúnem próximo à casa noturna que está *bombando* sem fazer uso dos serviços desta, mas para tomar uma bebida, conversar... E, claro, serem vistas também), tornando-se ainda mais perceptível ao cair da noite.

A própria escolha do indivíduo quanto aos locais a frequentar – ou associar a sua imagem a ele de alguma forma, estando próximo ou misturado ao público que de fato é cliente – já nos mostra uma série de posições identitárias que são causa e/ou consequência da sua escolha.

Também é importante considerarmos a pluralidade das escolhas de um mesmo sujeito que, conforme sua vontade ou influência de seus amigos ou terceiros, pode acabar frequentando espaços extremamente distintos (na concepção, no estilo musical, no público-alvo)

A junção dos sujeitos que se deslocam no e pelo bairro na busca, majoritariamente, por distintas opções de lazer compõem um mosaico interessante de posturas e marcas identitárias, especialmente da população jovem que se percebe no cotidiano das ruas da Cidade Baixa.

### **5.5 – Discursos que se encontram (ou não): O bairro real e o virtual**

O bairro Cidade Baixa, assim como sua representação no *site* Orkut, apresenta sujeitos e elementos multifacetados. *Rockeiros*, *punks*, *emos* e outras neotribos tão comuns na sociedade contemporânea encontram-se e co-

habitam esses espaços, tanto na esfera material quanto no âmbito do ciberespaço.

Com uma população diversificada e numerosa (vide Tabela 04), tensionamentos e rivalidades acabam por aflorar em uma das duas interfaces de nossa análise e, em muitos dos casos, transcendem seus limites, fazendo uma verdadeira viagem sem escalas entre uma e outra.

Dados Básicos – Bairro Cidade Baixa		
População	Densidade Demográfica	Renda Per Capita
18.523 habitantes	210 hab/ha.	11,20 Sal. Mínimos

Tabela 04: Dados do Bairro Cidade Baixa.

Fonte: Secretaria de Planejamento Municipal de Porto Alegre, 2011.

Ao nos determos um pouco mais sobre a esfera dita *off-line*, temos uma caracterização de relações um pouco distintas frente às que visualizamos no âmbito da comunidade presente na internet, visto que o bairro Cidade Baixa, simultaneamente ao seu lado mais noturno, dispõe de elementos facilitadores para a consolidação de laços e do próprio “sentimento de comunidade” (CASTELLS, 2005), tais como praças, sociedades de cunho religioso, associação de moradores e pontos comerciais e gastronômicos tradicionalmente frequentados por moradores das redondezas que se encontram na hora da compra do pão, ou que compartilham um chimarrão em alguns de seus espaços públicos.

Já no campo ciberespacial, tais condições não se anulam. Todavia, conforme Segata (2008) destaca, mesmo que os laços apresentados nas redes virtuais sejam carregados de sentimentos e afinidades, é presente a tendência de que os laços destas sejam mais tênues em comparação com uma comunidade que se constitui fora da internet.

Fazem-se presentes, ainda, nas comunidades em questão, postagens e discursos que nos remetem a uma conexão entre as duas Cidades Baixas, a que existe na internet e a que existe para além desta. Vejamos as postagens

abaixo<sup>32</sup>, que respondem ao já mencionado tópico “Qual é o seu lugar preferido na cidade baixa?”

Chicano
<i>as ruas..os botecos ..nao tem lugar onde tenha maior concentracao de mendigos insanos, personagens malucos e botecos fim de carreira.. nosso lar.. RSS</i>
Perfil comercial (restaurante)

Diego
^^^ <sup>33</sup> <i>aproveita que tu é machão e faz os ladrões da cidade baixa saírem de lá também</i>
Masculino, 25-30 anos

Apresentamos os fragmentos discursivos acima como uma despretenhosa amostragem de sua pluralidade, que nada mais é do que um próprio reflexo da diversidade (no sentido mais amplo da palavra) que o bairro e a rua abarcados pelas comunidades aqui analisadas representam e ofertam para seus moradores e frequentadores. A seguir, um recorte das tentativas de “conectar”, de forma ainda mais próxima, essas esferas.

### **5.5.1 Que tal sair do virtual e partir para o real?**

Esse sub-título reproduz um dos tópicos dos quais participam os membros da comunidade 01. Até nossa última consulta<sup>34</sup>, haviam 24 diferentes postagens respondendo à proposição feita por uma das usuárias do *site* e participante ativa da comunidade em questão. Todavia, apesar do tópico estar aberto por mais de quatro meses, essa transposição do virtual (aqui traduzida

<sup>32</sup> As transcrições das postagens serão feitas com esta configuração para diferenciá-las das citações literais.

<sup>33</sup> Símbolo utilizado com o intuito de endereçar sua postagem ao sujeito que postou a mensagem imediatamente anterior à sua.

<sup>34</sup> Em 08 de junho de 2011.

como um encontro de alguns dos membros dessa comunidade) para o mundo material ainda não aconteceu. A seguir, algumas das respostas:

M.Matheus
<i>Tenso... O virtual é tão legal... E seria mó saco se todo mundo se conhecesse la, ia quebrar o clima e ia virar igual grupinho de Clj e Catequese.</i>
Masculino, 20-25 anos

Priscila
<i>as mulheres querendo socializar, e vocês querendo MSN e ficar em casa continuem assim sempre acabarão na mão e no banheiro adskpdosakadsopkaskdopkopdsa serei LINXADA mas azar, pelo menos estou sendo SINCERA skpodasadsk ;D</i>
Feminino, 20-25 anos

M.Matheus
<i>Pri ... Se fosse para socializar, seria muito melhor em 4 paredes =)... Qual é a moral, ir pra CB, ja conhecendo todo mundo... bah ai é pra matar o velho, vai ficar todo mundo se olhando, e uns vao ficar excluidos!</i>
Masculino, 20-25 anos

Uma breve análise dos fragmentos discursivos supracitados ilustra uma espécie de receio, de medo de mostrar-se *in persona* para os companheiros de comunidade. O jovem que diz preferir o mundo virtual é usuário com elevado índice de participações nas discussões das comunidades em questão, sempre com postagens não muito simpáticas e que fogem do lugar comum. Infere-se, de sua fala, que não é morador (já que ele diz não entender a razão de ir pra CB), o que se comprova por meio da designação da sua cidade em seu perfil. Visivelmente, mostra-se um sujeito extremamente ativo na esfera virtual, onde busca destacar-se dos outros por meio de suas falas.

Contraditoriamente a isso, na comunidade 02, existe um tópico denominado *Vamos juntar a galera da comunidade*, aberto desde 2008, e com mais de 180 postagens distintas. Existia um clima de ufanismo e mobilização nesse espaço. Porém, a transposição para o mundo *off-line* não se mostrou algo tão simples. Cerca de um ano após a sugestão do usuário que abriu o referido tópico, encontramos a seguinte mensagem:

Diego
<p><i>hahaha... Na boa, isso NUNCA vai acontecer... É que tá o tipo do "deixa que eu deixo", ou "é só marcar que eu vou", ou seja, alguém espera um mega-super-ultra encontro e que um "líder" faça essa grande favor à comunidade de marcar. Sério, encontro não é difícil. Uma dica: um grupo (ou mais) que se conheça por aqui que marquem uma ceva na Lima, amadurece uma amizade e depois o resto vai na onda. Não esperem que as coisas caiam do céu. Bem, essa é a minha humilde opinião</i></p>
Masculino, 20-25 anos

O discurso acima reafirma a ideia de que nem sempre é fácil reunir os membros de uma comunidade virtual em data e local determinados. Nesta hora, a ação do proprietário ou do moderador da comunidade é inócua. As motivações dos sujeitos – e exclusivamente elas – é que poderão construir a transposição de relações. A saber, o encontro ocorreu aproximadamente três meses após a postagem acima, reunindo oito pessoas, o que é uma quantidade ínfima perto do número de membros da comunidade em questão, o qual superava os 17 mil em junho de 2011.

Novos encontros foram aventados, sendo que um deles concretizou-se cerca de um mês depois do primeiro. O interesse dos jovens do sexo masculino por tais momentos é francamente superior ao feminino, conforme percebe-se na postagem subsequente.

Cristiano Ramos
<p><i>Se continuar desse jeito os assuntos predominantes serão futebol, carros, mulheres, enfim, assuntos de homens, porque até agora, do sexo feminino, só a Fernanda confirmou presença! O que seria de nós sem a simpatia das mulheres, sem os seus perfumes, seus olhares tentadores, suas capacidades de falar sobre tudo e todos ao mesmo tempo.... Sei que a ideia é confraternizar, mas se for possível unir o útil ao agradável, pediria que as inúmeras mulheres que se diziam presença confirmada (geralmente no início das semanas) se manifestem agora que estamos nos detalhes finais do próximo encontro! Espero que entendam as minhas preces, hehe!!</i></p>
Masculino, 25-30 anos

Tal discrepância não se justifica por uma eventual maioria de homens na comunidade em questão, visto que nos parece que há uma espécie de equilíbrio entre os gêneros a ela pertencentes. As postagens desse tópico

refletem, ao nosso ver, uma espécie de receio e descrédito, por parte das mulheres, quanto à possibilidade de “saírem do virtual”, refletida não tanto pelos seus discursos, mas pelo seu silêncio, visto que apenas uma pessoa do gênero feminino envolveu-se nessa discussão.

Após o último encontro citado, alguns membros tentaram uma nova reunião, porém sem sucesso. Desde a última postagem nesse tópico, já se passaram seis meses, sendo que as manifestações – as quais seguiram sendo majoritariamente masculinas até esse ponto – cessaram.

Um encontro no espaço virtual oferece a possibilidade de acesso a esse espaço de uma forma que demanda, em tese, menos ajustes na agenda cotidiana do sujeito em comparação ao espaço dito real. Pode-se interagir com uma infinidade de pessoas sem sair de sua casa ou de seu trabalho, sem gasto de tempo com deslocamentos até o local de encontro e com a possibilidade de “ir embora” dali a um simples clique no *mouse*. Tal possibilidade é conferida pelas ferramentas de comunicação instantânea da internet e das próprias redes sociais, muitas delas com tópicos que se tornam verdadeiros *chats*, reproduzindo uma concorrida sala de reuniões – ou uma mesa de bar lotada.

Tudo isso também se torna um convite para uma espécie de acomodação dos sujeitos (especialmente em um local onde as relações, em tese, não são tão sólidas quando no mundo dito real, visto que poucos são os que aparentam se conhecer fora da internet) ou, no mínimo, reforça o desinteresse daqueles que possuem alguma restrição frente a tais encontros, contribuindo para justificar o baixo interesse em deslocar-se do mundo virtual para o real, aceitando o convite proposto na comunidade.

## **5.6 – Velho-novo tópico: tensionamentos identitários**

Até pelas suas próprias características, o Orkut e suas comunidades acabam por vivenciar momentos e/ou espaços de tensionamento entre seus sujeitos. Isso é resultante dos diferentes interesses de seus atores na rede e, até mesmo, de como interessa ao indivíduo ser percebido pelos outros.

Assim, ser um membro associado de comunidades vinculadas à temática de futebol, mais especificamente com alguma conotação clubística

(especialmente em um Estado como o Rio Grande do Sul, onde a rivalidade e a bipolarização fazem-se presentes), a algum tipo de música/cantor/banda, ou, ainda, a algum movimento social ou político-partidário, pode ser motivo suficiente para gerar um tensionamento que, nem sempre, acaba restrito à esfera do mundo *on-line*.

Todavia, ao trabalhar com um bairro como o abarcado por esta pesquisa, percebemos um aspecto bastante forte nas manifestações dos usuários das comunidades em estudo: uma espécie de preconceito locacional, ou seja, de subjugação de determinado grupo de sujeitos conforme seu local de morada, o que se acentua ao pesquisarmos um bairro que, como já citamos anteriormente, é local de encontro e convergência para pessoas provenientes de distintos bairros ou municípios da região metropolitana de Porto Alegre.

Ilustramos tal afirmação com os seguintes fragmentos discursivos, extraídos da comunidade 02, sob o tópico *Alerta! Invasão de Patys na Cidade Baixa!*:

♥♥ DETY
<i>Moro na LS, adooooo... E as vileiras k vem da lomba do... c/ akeles cabelos cachopa ki nojo, se achando...essas são as piores....kkkk</i>
Feminino, 25-30 anos

Entretanto, esse tipo de conflito é apenas um dos que se fazem visíveis nas comunidades em análise. Apresentamos alguns outros tensionamentos que perpassam a constituição dos sujeitos a elas pertencentes, cuja compreensão faz-se necessária para entendermos suas marcas territoriais.

Uma das principais formas de tensionamento apresentados diz respeito ao preconceito relativo à opção sexual adotada pelos membros da comunidade analisada. A Cidade Baixa abriga determinados espaços onde jovens com preferências homossexuais lugarizam-se, tornando-os espaços de liberdade e de contato entre seus pares, especialmente em datas e horários específicos.

Tais espaços tipificam-se em bares, casas noturnas e, em maior grau, em um dos principais lugares de comércio e consumo do bairro, o *Centro Comercial Nova Olaria*. Este, especificamente, torna-se um espaço de

aglutinação e convivência para diversas tribos ou grupos, em diferentes dias da semana.

Os domingos, com maior ênfase quando do cair da tarde, constituem-se no tempo-espaço de lugarização dos sujeitos (especialmente os jovens) que se assumem enquanto gays, lésbicas, bissexuais, assim como heterossexuais simpatizantes desses grupos.

A sua reunião em um grupo (bastante numeroso, aliás) tornam-nos visíveis e notados pelos demais sujeitos e tribos em geral, em que a co-existência nem sempre se dá de maneira pacífica, não se restringindo ao mundo *off-line*. Neste, os tensionamentos são de conhecimento público, e resultam do descontentamento de comerciantes do respectivo centro comercial frente a supostos “abusos” cometidos por tais jovens. Tais abusos originam-se de ações (excessos de bebida alcoólica, troca de carinhos de maneira ostensiva, ocupação de espaços que não são permitidos) e de não-ações (o fato de ocupar um espaço privado de acesso público voltado ao consumo sem exercer o ato de comprar e/ou consumir os produtos e/ou serviços ali ofertados) dos respectivos jovens.

Entretanto, outros grupos mostram-se incomodados com a presença desses jovens no local e em suas adjacências. Um deles compõem-se por jovens que possuem identificação com os *Skinheads*<sup>35</sup>, não sendo poucas as vezes em que é possível perceber um ambiente de hostilidade entre os grupos recém-mencionados.

A questão da homofobia – presente, ao nosso ver, de uma forma que contradiz uma tradição de pluralidade frequentemente atribuída ao bairro Cidade Baixa – acaba por ser percebida também nos espaços virtuais. Transcrevemos, aqui, postagens referentes ao tópico *Contem-me sobre o Bairro*, iniciado pela seguinte mensagem:

---

<sup>35</sup> Com origem atribuída a jovens ingleses da década de 60, os *cabeças raspadas* (tradução livre) cultuavam, de maneira geral, a virilidade, o gosto por bebidas alcoólicas e determinados gêneros musicais, como o *Ska* e o *Punk Rock*. Todavia, nas últimas décadas, vários dos grupos que se assumem como tais, deram uma conotação de revolta ao movimento, especialmente contra judeus, negros e homossexuais. Boa parte dos indivíduos que se auto-intitulam *Skinheads* na atualidade prega o ódio e a intolerância a minorias, ainda que muitos acabem aderindo ao movimento apenas por uma questão estética.

Diogo
<i>Contem-me sobre o bairro.</i>
<i>Olá pessoas, estou vendo mudança para porto alegre (moro atualmente no rio de janeiro) e estive olhando uns imóveis nos classificados do Zero Hora e vi que na cidade baixa tem muitos Jk em conta. Então fui procurar saber sobre o bairro e vi que ele é um bairro que tem bastante universitários e da boêmia gauderia rs Mas vi tbem falando que tem bastante assaltado e mendigos na rua. Assim sendo, vim aqui saber direto da fonte como é esse bairro chamado Cidade Baixa para saber se realmente ficarei por essas bandas ou se procuro outro lugar (tipo Bonfim ou santana...)</i>
<i>Contem-me o que acham do bairro.</i>
<i>;D</i>
Masculino, 20-25 anos

O post acima fomentou o seguinte diálogo na comunidade:

Lilian
<i>Você vai adorar o nova olaria aos domingos</i>
Feminino, 25-30 anos

Diogo
<i>ah tá, esclareceu horrores hahahahaha =]</i>
Masculino, 20-25 anos

Lilian
<i>sim, opção é o que ele quer!</i>
Feminino, 25-30 anos

A resposta a um questionamento de quem, segundo manifestação própria, encontrava-se longe de Porto Alegre e fazia uso de uma rede social da internet para buscar informações sobre um possível local para moradia, acaba adquirindo outra conotação. Como se percebe na última postagem aqui descrita, a usuária fez uma ilação ao centro comercial e ao dia da semana em que há a concentração de jovens homossexuais. *Diogo* não apresentava em seu perfil nenhum indicativo de sua opção sexual. Ainda assim, foi recepcionado em sua primeira postagem na comunidade 01 com esta hostilidade implícita.

O exemplo acima é apenas um dentre os que encontramos no referido site que servem para ilustrar algo que acompanhamos desde o início da nossa pesquisa: as comunidades analisadas não são espaços de tolerância frente a questões relativas a gênero e a opção sexual. Não há tópicos relativos a esses

temas, sendo que as postagens que existem relativas a outros assuntos que, ainda tangencialmente, acabem por abordar a questão, adquirem um caráter pejorativo e, por vezes, agressivo.

Os jovens homossexuais que frequentam o bairro acabam não se mostrando de forma cotidiana nas respectivas comunidades. Seu processo de territorialização aparenta ser mais sólido e com maior significação no mundo *off-line*, estando um tanto à margem quando tratamos da esfera virtual, ao contrário da sua notória presença nas ruas e calçadas da Cidade Baixa.

Outro tensionamento bastante presente remete-nos ao estilo estético adotado pelas meninas. Na comunidade 02, um dos tópicos que mais se destacam (pelo número de respostas, pela hostilidade nelas presente e pela permanência do tópico, mesmo com o passar do tempo – visto que foi aberto no já longínquo ano de 2004 e, ainda hoje, segue recebendo novas postagens dos membros da comunidade 02) possui o seguinte título: *Alerta! Invasão de patys na Cidade Baixa*.

O que era para ser apenas um espaço de debate sobre a suposta invasão – somente a utilização deste vocábulo já indica que alguém que se aparenta ser uma *patty* não pode ser da Lima e Silva (ou da própria Cidade Baixa) ou mesmo circular por lá. Visto que é uma invasão, essas meninas adentram locais em que, na visão de outros, não podem se lugarizar. Todavia, os discursos postados revelam não serem apenas as meninas abarcadas por tal rótulo que não são bem vindas.

Vejamos a seguinte postagem, uma das primeiras do referido tópico:

Crisiane
<p><b>que nojo....</b></p> <p><i>Antigamente a gente saía do trabalho, na semana, ligava para os amigos e se encontrava na Lima. A gente conhecia a maioria do pessoal ao menos de vista pois era sempre as mesmas caras. Agora!? Vc não arranja lugar pq tem alguma patty, com o traseiro depositado na cadeira fazendo pose. O copão e o Cavanhas, que são meus preferidos, já não me dão mais o prazer de reunir meu pessoal. Odeio lugar de patty, boy e gente fazida. A lima é pra tomar um ceva, relaxar, encontrar alguns amigos perdidos por ai...</i></p> <p><i>Por favor, mandem as pattys pra calçada da fama, senão daqui a pouco até a cerveja vai ficar um absurdo de cara, a polentinha frita não vai mais rolar e vai ter boy acelerando seu carrinho e dando show pra elas...PLEASE!!!!!!!!!!!!!!1</i></p>
Feminino, 20-25 anos

A usuária em questão demonstra que as meninas “patricinhas” são sinônimo de *gente fazida* e que seu lugar é na *calçada da fama*<sup>36</sup>. Ou seja, há uma espécie de coação para com os sujeitos que se assumem (ou se identificam) com este grupo. Em resposta a uma postagem de um usuário masculino, na faixa entre 20 a 25 anos, (que postou tão-somente *faz tempo que a CB tah contaminada...*), temos a seguinte mensagem:

Anderson
<i>o 3 pontinhos ai tem razão faz tempo que a cb ta contaminada mas antes era algo normal como se fosse turistas que estão conhecendo algo novo... mas gostaam do algo novo e chamaram as amiguinhas... LUGAR DE PATY é no shopping não na CB... o mundo esta acabando e as patys vão sumir da CB como se nunca tivessem surgidas e nossos amados bares vão voltar a ser da ELITE onde só os as melhores pessoas vivem abraços</i>
Masculino, 25-30 anos

Este novo fragmento discursivo mostra-nos que, no imaginário de algumas pessoas, há os territórios pré-determinados para alguns grupos; nesse caso, para as meninas patricinhas. Conforme a visão desse sujeito, os shoppings seriam seus locais de origem – e do qual nunca deveriam ter saído. Também é muito perceptível a noção de supremacia de quem não se julga pertencente ao determinado grupo em questão, mas sim à elite – embora o usuário não especifique o que caracterizaria essa elite na sua opinião.

Faz-se necessário ressaltar que a mensagem acima tem um papel potencializador na discussão e, apesar de trazer implícita e explicitamente, determinados pré-conceitos, faz o sujeito ser notado pelos seus pares, ainda que mediante uma mensagem desse caráter. A passagem acima desencadeou respostas, contestações e, até mesmo, elogios ao indivíduo em questão.

Além das questões recém-relatadas, temos novos posicionamentos pautados pela rejeição ao diferente, ainda nesse tópico. Segue postagem em resposta à mensagem anterior:

<sup>36</sup> Designação atribuída à Rua Fernando Gomes, localizada no bairro Moinhos de Vento, também em Porto Alegre. Local com bares, restaurantes e casas noturnas voltadas para um público de maior poder aquisitivo.

Deh
<b>Fala serio...</b>
<i>...concordo com o amigo que postou anteriormente, prefiro um monte de patys do que um monte de maloqueiros e mendigos .... e tem outra, o que voces dizem dos EMOS que estao invadindo o bairro, fazendo barbaridades???, isso sim é uma falta de respeito ....estao estragando o bairro...é uma vergonha o que fazem esse bando de jovens EMOrroidas inuteis.....</i>
Masculino, 20-25 anos

Aqui, a defesa do grupo hostilizado dá-se pela desconstituição de outros sujeitos que habitam o bairro em sua esfera *off-line*, tais como os mendigos e os aqui classificados como maloqueiros, facilmente compreendidos como pessoas que oferecem alguma espécie de ameaça aos moradores e/ou transeuntes da região. Ou seja, tais usuários desejam, em seu âmago, um ambiente onde existam apenas pessoas que lhes pareçam semelhantes e cuja presença não lhes causem nenhuma espécie de incômodo.

É notório que tais manifestações têm uma intenção subliminar – ou nem tanto – de provocar uma intimidação em pessoas de tais grupos/categorias. Na mesma mensagem, infere-se uma hostilidade forte e significativa a outro grupo majoritariamente adolescente, os *emos*<sup>37</sup>, que estaria “estragando o bairro” sem que a mensagem explicita de que forma. Possivelmente, apenas pela sua presença, a qual, pelo visto, causa repulsa ao indivíduo acima, tanto quanto as pessoas em situação de mendicância que coabitam os seus territórios.

Reforçando a fala anterior, apresentamos uma nova postagem:

Anderson
<i>Se incomodar porque meninas riquinhas circulam por um local que é publico só pode ser inveja ou coisa semelhante. Com tantos mendigos viciados em crack ,traficantes ,pagodeiros e outras merdas do tipo que podem fazer um mal maior ,que circulam pela CB ,algumas pessoas imbecis direcionam o problema pra quem esta ali apenas se divertindo,isso é despeito ,quando a CB for tomada por essa ralé de párias ,marginais da sociedade e começarem a roubar voces ae vão sentir saudades das patis . Prefiro mil patis a 1 mendigo.</i>
Masculino, 20-25 anos

<sup>37</sup> A tribo *emo* tem como característica o gosto pelo estilo musical de mesmo nome (uma música “pesada”, de caráter confessional). Também são conhecidos por não reprimirem suas emoções e, ao contrário de outras tribos pós-modernas, mostrarem-se contra a valorização da transgressão em seus atos.

Novamente, a defesa do grupo se dá pela via de que o quadro pode piorar. Os elementos negativos associados a essa piora são representados pelos pagodeiros, mendigos e marginais da sociedade. A preferência musical e o preconceito social são fatores recorrentes de afirmação identitária e da desconstituição do outro, não se atentando para o partilhamento das identidades (HALL, 2004), em que o “pagodeiro” também pode pertencer ao mesmo ‘grupo’ do sujeito acima, visto que esta é apenas uma de suas facetas identitárias.

A comunidade virtual, assim, representa um espaço não apenas para produzir ou fortalecer relações sociais profícuas e saudáveis, mas também onde as ideias pré-concebidas quanto ao que é o certo manifestam-se, dado que seus usuário encontram-se protegidos por uma espécie de zona de segurança ofertada pelo mundo *on-line*. Acreditamos que tais falas representam o pensamento de parte dos moradores e/ou frequentadores do bairro dito real, até porque constatamos tais hostilidades em nossos momentos de campo, ainda que de maneira mais discreta. Quando reveladas a olho nu e de forma crua, explícita em discursos e posicionamentos, apenas reforçam as relações de poder neste território virtual, bem como refletem nas entrelinhas o desejo e a ideia de uma comunidade ideal, livre de pessoas com posturas divergentes à do sujeito em questão, e onde o “meu perfil” seja o mais adequado – e possivelmente único – para habitar e construir tal espaço.

## 6. UMA ÚLTIMA POSTAGEM...

O ciberespaço – ou o mundo *on line* – mostra-se diretamente conectado ao mundo *off-line*. Escolhemos tal verbo justamente pela relação de imbricamento que conseguimos visualizar após este exercício de pesquisa.

O mundo virtual é um outro mundo. Todavia, tornou-se parte importante da esfera em que habitamos, interagimos e nos constituímos enquanto atores sociais. As relações que se ali se constroem – ou se fortalecem, se consolidam, se diluem – estão em conexão direta com as que se estabelecem no plano dito real, sejam estas de comércio, de aspectos profissionais, e, especialmente, de relacionamentos interpessoais de qualquer espécie.

Nesse sentido, os *sites* de redes sociais da internet ganharam espaço no cotidiano dos sujeitos e das instituições, onde se configuram enquanto um verdadeiro palco para a amplificação das conexões de tais relações mencionadas. Mostram-se, ainda, enquanto local propício para o entrecruzamento de discursos, de posições, de encontros e, até, desencontros. Mas, sobretudo, possibilitam uma espécie de desfile – em escala mundial – de indivíduos e de suas respectivas identidades.

Identidades, estas, que se criam, reconfiguram-se ou reforçam-se nesta possibilidade do mundo *on-line*; pela permissão coletiva para mostrar-se da forma que, de fato, se pretende ser visto; pela possibilidade de existir e, mais do que isso, de se constituir enquanto sujeito por meio de elementos que se complementam e se potencializam proporcionalmente a sua complementaridade. Identidades que, não obstante, não são unas ou perpétuas, mas múltiplas e partilhadas, como nos diz Stuart Hall.

O Orkut, *site* de relacionamentos sobre o qual nos debruçamos mais detidamente, é emblemático nesse sentido. Reflete, de maneira ímpar, a efemeridade das posições identitárias assumidas por determinados sujeitos, em especial, pelos jovens, bem como a flexibilidade dessas posições em cada

um dos territórios virtuais pelos quais transitam – ou, até mesmo, quando apenas estão. Não se faz necessária nenhuma ação ou atividade: ser apenas um membro com cadastro ativado no referido *site*, com algumas informações, preferências, fotos e cadastrado enquanto membro de uma ou de muitas comunidades. molda o perfil do sujeito no Orkut. Em outras palavras, molda a quem e de que maneira ele pretende explicitar seus gostos, suas preferências, suas atitudes, seus costumes e suas identificações.

Assim, por meio de uma simples página na internet, qualquer indivíduo que participe do *site* pode ter a mínima noção sobre quem é determinada pessoa, ainda que ela se encontre (na esfera *off-line*) há milhares de quilômetros. Terá a chance de ver uma (ou mais) fotos dessa pessoa, suas preferências, seus gostos e costumes e, muitas vezes, até uma mensagem pessoal ou um perfil descritivo produzido pelo próprio sujeito, sem contar as comunidades e os discursos empregados quando delas participa.

O ciberespaço, assim, acaba permeado por inúmeros atores sociais que fazem a conexão entre os mundos real e virtual por meio de uma espécie de capa, a qual se constitui na soma de todas estas particularidades e referenciais identitários que o formam e o moldam. E tal como nos super-heróis da televisão, é nessa capa, nessa fantasia, que podem residir as virtudes do sujeito ou aquilo que o torna diferente perante o grupo, que o destaca e o torna único, em uma sociedade tribal (Maffesoli) onde todos querem ser únicos, mas onde, também, a diferença nem sempre é bem aceita.

Frente a isso, a pluralidade de posições identitárias de um mesmo sujeito é algo que se verifica sem grandes dificuldades quando analisamos este recorte ciberespacial em questão. Não são poucos os casos de pessoas que integram comunidades que fazem apologia a cantores/bandas diferentes (e de gêneros musicais nem sempre convergentes), a instituições e preferências, e, como não poderia deixar de ser, aos locais que frequentam (ou gostariam de frequentar) fora da esfera virtual. O mesmo sujeito que posta na comunidade da Cidade Baixa pode ser membro de comunidades do Rio de Janeiro, da praia do Pinhal ou até mesmo de algum outro bairro da Capital gaúcha. Assim como alguém que faz parte da comunidade referente à Rua Lima e Silva pode também estar participando da comunidade da “antagônica” Rua Padre Chagas.

Dependerá do que ele quer mostrar por meio das comunidades e, por consequência, do seu perfil, para quem o percebe no Orkut.

Essa contradição não é exclusividade do ciberespaço, ainda que aí se mostre de maneira mais visível. Somos todos sujeitos que transitamos pelos espaços, que construímos relações nos mais distintos locais, que consumimos música e informações de diferentes estilos e que construímos nossa própria história com nossas ações e não-ações. A diferença é que, em nosso dia-a-dia, nem sempre agimos da maneira simultânea como se pode agir na internet e no próprio Orkut. Nesse *site*, mesmo quando não se exerce nenhuma ação em determinado momento, o indivíduo afirma-se, constrói-se e mostra-se ao outro. O perfil estará lá, concebido e formatado conforme a vontade individual desse sujeito, afirmando suas posições por uma linguagem imagética, discursiva ou subliminar, a qual representará, em maior ou menor grau, o seu dono no mundo dito real.

A conexão entre os dois mundos também se faz muito pelos discursos de seus atores, que, conforme nossa análise, mostram-se pouco dissonantes. Preconceitos, intolerâncias, tensionamentos e hostilidades são reproduzidos – e, em determinados casos, amplificados – na esfera virtual, também pela segurança que a capa (perfil) concede a quem a veste.

Em nossa pesquisa, apresentamos alguns fragmentos discursivos que ajudam a ilustrar e a entender tais pontos de conexão. Seja a rejeição a um grupo/tribo diferente do seu, seja a repulsa frente aos locais que alguns preferem frequentar, seja, ainda, a hostilidade pura e simples de quem apenas solicita uma informação, as falas dos atores tornam-se mais nítidas no âmbito do Orkut. Contudo, tais posições não nascem no ciberespaço, mas, sim, derivam diretamente do mundo real. Ou seria factível que houvesse falas com uma conotação agressiva a pedintes e moradores de rua quando sua presença no ciberespaço é mínima ou inexistente? Cabe, ainda, refletir se, caso pessoas desse grupo façam-se presentes, desejariam elas fortalecer uma identidade que não lhes favorece ou sua tendência seria assumir uma(s) nova(s) identidade(s) por meio desta capa/perfil, visto que lhes é concedida essa possibilidade, sonhada nos territórios do bairro ou da rua?

Fazendo uso dessa prerrogativa de ser o que se deseja e, mais do que isso, na hora em que se deseja, vemos que os sujeitos que estão membros

dessas comunidades que analisamos buscam mostrar-se para o outro por meio de todos os elementos que o *site* oferece. A ampliação do número de fotos que cada usuário pode disponibilizar para a visualização em seu perfil, os textos longos, o excesso de informações ofertadas em suas descrições pessoais, uma média elevada de comunidades às quais estes jovens pertencem são todos fatores que, quando se somam, oferecem-nos um bom subsídio para fazermos uma “fotografia” deles, naquele instante.

O caráter dinâmico da própria internet, sua velocidade e amplitude de possibilidades auxiliam na rapidez com que as posturas e os discursos complexificam-se e se perpassam entre si, formando sujeitos que se lugarizam e se territorializam de forma, aparentemente, mais rápida e menos intensa que outrora.

Esses jovens, personagens relevantes de nossa análise, apresentam, em seus perfis, em suas comunidades, uma pluralidade de identificações que os conectam a diferentes espaços, lugares e territórios. Aceitando as ideias de Haesbaert (1999), que nos apresenta importantes considerações sobre o caráter simbólico presente na delimitação dos territórios e da territorialidade, bem sobre a influencia da hibridização cultural contemporânea na formação das referências identitárias dos jovens, podemos, sim, tratar as comunidades apresentadas em uma rede social como o Orkut enquanto verdadeiros territórios virtuais, ou webterritórios, como já utilizamos em determinados momentos.

Tais espaços possuem, em sua gênese, aspectos como relações de poder que se constituem e se impõem nos discursos - e na frequência destes, onde quem “aparece” mais tende a ser mais respeitado pelo coletivo -, na linguagem e nas possibilidades de interações com o bairro *off-line* (possibilidade de encontros, ameaças físicas etc), mostrando-se permeados por elementos que refletem a vinculação de seus usuários com aquele território virtual, ainda que as motivações das pessoas que a eles se associam livremente sejam tão amplas quanto distintas. Porém, esses webterritórios que remetem a espaços físicos existentes de fato em um mundo dito real, tais como um bairro ou uma rua, tendem a reproduzir o sentimento de pertencimento (mesmo que este seja apenas uma vontade de pertencer) ao determinado espaço.

Esse sentimento pode coexistir, de forma pacífica, com vários outros pertencimentos, os quais, inclusive, forjam-se não apenas nas escolhas, mas também na ausência delas, visto que tanto a convergência quanto a divergência nestas acabam consolidando-se enquanto eixos de formação de identidades. Seja por uma questão de identificação plena, seja pelo ato, seja pelo desejo de querer ser (comunidades que remetem às tradições gaúchas lotadas de pessoas que não nasceram no Rio Grande do Sul são comumente encontradas no Orkut), seja, apenas, por uma questão estética de mostrar-se ao outro enquanto pertencente a algum grupo/tribo/espço, mesmo sem nenhuma conexão mais estreita com este. Tais posicionamento são visíveis e permitidos neste mundo – e muito menos contestados que eventuais posições assumidas fora da internet. Como nos traz Garbin (2001, p.245),

A internet, se olharmos sob o foco das identidades, converteu-se num “laboratório” para a realização de experiências com as construções e reconstruções do “eu” na vida pós-moderna, porque, na realidade virtual, de certa forma moldamo-nos e criamo-nos a nós mesmos/as.

Isso ocorre, possivelmente, pela consciência coletiva de que a internet permite, sim, de fato, nos assumirmos como de fato queremos - o que soa muito atraente para um jovem que consome (inclusive a própria internet) e interage com o outro e com o mundo à exaustão, formando-se na soma – e pela soma - de todas essas suas experiências.

Por tudo isto, antes de desconectar, percebemos que em uma sociedade onde as relações, os conceitos e a própria vida são cada vez mais fluídas - ou líquidas como nos diz Bauman -, não são apenas as identidades que se tornam, também menos estanques. A concepção de território (e suas múltiplas possibilidades de territorialização), sobretudo quando entendido na sua esfera cultural, como nos traz Haesbaert (1999, 2004), flexibiliza-se, convidando-nos a refletir sobre suas novas dimensões e possibilidades.

O borramento das fronteiras territoriais que percebemos na esfera *off-line*, graças à globalização da comunicação, da técnica e do capital, reflete-se também nas comunidades virtuais, que não se encerram ou se limitam ao simples desligar de um computador, não sendo representadas apenas pela sua imagem, pelos seus membros ou pelos discursos ali contidos, mas, sim,

construindo-se e configurando-se pelo valor simbólico que o simples 'pertencer' a estas traz consigo.

Assim, o hibridismo das identidades, de que nos fala Stuart Hall, mostra-se, também, nas identidades territoriais contemporâneas. Identidades, estas, que permitem a interface de relações, tensionamentos e possibilidades dos territórios *on* e *off line* - de fato, cada vez mais conectados.

Conectados, como os jovens dessa pós-modernidade, são os nossos alunos em potencial; conectados com(o) um mundo que não desliga nem mesmo enquanto descansa e que, ao mesmo tempo em que possibilita a construção de redes, torna-se dependente das mesmas.

*Logout.*

## 7. REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Manuel Correa de. *A questão do território no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BARCELOS, Gilmara Teixeira et.al. Redes Sociais e Comunidades: Definições, Classificações e Relações. In: *Novas Tecnologias na Educação*. v.8. n. 2. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007a.
- \_\_\_\_\_. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007b.
- BORELLI, Silvia et. al. *Jovens na cena metropolitana: Percepções, narrativas e modos de comunicação*. Paulinas, São Paulo, 2010.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Lectores, espectadores e internautas*. Barcelona: Gedisa, 2007.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em Rede*. 8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos, KAERCHER, Nestor André; REGO, Nelson. (orgs.). *Geografia: Práticas Pedagógicas para o Ensino Médio*. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. *A Geografia Escolar e a cidade: Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana*. Campinas: Papyrus, 2008.
- CLAVAL, Paul. *A contribuição Francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na Geografia*. In: CORREA, Roberto Lobato e ROSENDHAL, Zeny. *Introdução a Geografia Cultural*. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

- CORREA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny. *Introdução a Geografia Cultural*. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- COSGROVE, Denis. Mundos de significados: Geografia Cultural e imaginação. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (orgs.). *Geografia Cultural: um século* (2). Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2000.
- \_\_\_\_\_. Em direção a uma Geografia Cultural Radical: Problemas da Teoria. In: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny. *Introdução a Geografia Cultural*. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Caminhos Investigativos: Novos olhares na pesquisa em educação*. Porto Alegre: Mediação, 1996.
- DOSSIE UNIVERSO JOVEM MTV (HIGHLIGHTS). Disponível em <<http://mtv.uol.com.br/dossie/highlights>>. Acessado em 06 de março de 2011.
- EAGLETON, Terry. *As ilusões do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense, 1995.
- \_\_\_\_\_. *A Ordem do Discurso*. 18 ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- \_\_\_\_\_. Entrevista com Michel Foucault, por Sérgio P. Rouanet e J. G. Merquior. In: FOUCAULT, M.; ROUANET, S. P.; MERQUIOR, J. G.; LECOURT, D.; ESCOBAR, C.H. *O homem e o discurso: a arqueologia de Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- GARBIN, Elisabete Maria. Culturas juvenis, Identid@des e Internet: questões atuais. In: *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, Rio de Janeiro, 2003.
- \_\_\_\_\_. [www.identidadesmusicaisjuvenis.com.br](http://www.identidadesmusicaisjuvenis.com.br) – Um estudo de chats sobre música da Internet. 2001. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.
- GARTON, Laura.; HAYTHORNTHWAITE, Caroline.; WELLMANN, Barry. Studying Online Social Networks. *Journal of Computer Mediated Communication*, n 3, vol 1, Indianápolis, 1997.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.
- GUTIERREZ, Susana de Souza. Professores conectados: trabalho e educação nos espaços públicos em rede. 2010. Tese (Doutorado em Educação)

Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 1999.

\_\_\_\_\_. *O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multi-territorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 9 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HARVEY, David. *A condição Pós-Moderna*. São Paulo: Loyola, 1989

LECOURT, D. A arqueologia e o saber. In: FOUCAULT, M.; ROUANET, S. P.; MERQUIOR, J. G.; LECOURT, D.; ESCOBAR, C. H. *O homem e o discurso: a arqueologia de Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

LEVY, Pierre. *A emergência do CyberSpace e as mutações culturais. Computação e Sociedade*. Disponível em <<http://www.compsociedade.hpg.ig.com.br/pierre/emerg1.htm>>. Acessado em 16 de fevereiro de 2011.

\_\_\_\_\_. *As tecnologias da inteligência: O futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

\_\_\_\_\_. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MAFFESOLI, Michel. *A Contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

\_\_\_\_\_. *O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

\_\_\_\_\_. *A Transfiguração do Político: A tribalização do mundo Pós-Moderno*. Lisboa, Instituto Piaget, 2003.

MARTINS, Francisco Menezes. *Impressões Digitais: cibercultura, comunicação e pensamento contemporâneo*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

MORIN, Edgar. *Terra-Pátria*. Porto Alegre: Sulina, 1995.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: Contexto, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel; EUGENIO, Fernanda. *Culturas jovens: Novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

ORKUT. Site de Internet. Disponível em <<http://www.orkut.com>>. Acessado em 11 de junho de 2011.

- PIRES, Hindenburgo Francisco. *A produção morfológica do ciberespaço e a apropriação dos fluxos informacionais no Brasil*. VI ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, *Anais...* Fortaleza, 2005.
- PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na web 2.0. *E-Compós*. Brasília, v. 9: 2007.
- RAMOS, Cleber. A atuação do consumidor na Web e sua influência nos processos produtivos das organizações. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Públicas). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI*. 12 ed. São Paulo, Record, 2008.
- SAUER, Carl. Geografia Cultural. In: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny. *Introdução a Geografia Cultural*. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- SEGATA, Jean. *Lontras e a Construção de Laços no Orkut: uma antropologia no ciberespaço*. Rio do Sul: Nova Era, 2008.
- SERPA, Ângelo (org). *Espaços Culturais: vivências, imaginações e representações*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) *Identidade e diferença – A perspectiva dos Estudos Culturais*. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- SOUZA, Eloísio Moulin de; SOUZA-RICARDO, Pablo Alexandre Gobira de. O discurso nosso de cada dia: a análise do discurso e o Pós-Estruturalismo. XXXII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, *Anais...* Rio de Janeiro, 2008.
- WAGNER, Philip ; MIKESELL, Marvin. Os temas da Geografia Cultural. In: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny. *Introdução a Geografia Cultural*. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: Uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) *Identidade e diferença – A perspectiva dos Estudos Culturais*. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2008